

Crónica de onomástica paleo-hispânica (21)

*DGPC
afaria@dgpc.pt

António Marques de Faria*

Resumo Apesar de o repertório onomástico alvo dos nossos comentários se estender por limites mais vastos, continuamos a fazer incidir a nossa particular atenção sobre antroponímia ibérica. Muito do que adiante se escreve resulta da leitura da tese de doutoramento realizada por Ignacio Simón Cornago, recentemente publicada em co-edição pelas Universidades de Sevilha e de Saragoça.

Abstract Although our linguistic commentaries extend over wider limits, we continue to focus our main attention on Iberian personal names. Much of what is written below results from the reading of the doctoral thesis carried out by Ignacio Simón Cornago that was recently published in co-edition by the Universities of Seville and Zaragoza.

gīduiscer. Prato de cerâmica. Can Badell (Bigues, Barcelona). *MLH* III 2 C.22.1.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 153) ao estatuir para **gīduiscer** (Faria, 1990–1991, p. 74, 1994, p. 66, 2000a, p. 125, 2002a, p. 123, 2004a, p. 294, 2008a [2009a], p. 57, 2010 [2011], p. 90) as transliterações **gītuisceŕ** e **tūtuisceŕ**.

Não pode, no entanto, ser posta de parte a possibilidade, que o exame dos vestígios do primeiro signo não invalida, de a transliteração correcta ser **gaiduisceŕ**, caso procedamos à equiparação entre o componente inicial deste NP e o NL (ou orónimo) **gaiduf**, há algum tempo estudado por García-Bellido (2001 [2002], *passim*) (Faria, 2008a [2009a], p. 58, 2010 [2011], p. 90).

Independentemente da transliteração a adoptar, temos de reconhecer que falta exactidão (para usarmos de não pouca benevolência) ao que tanto Luján (2013, p. 118, n. 28) como Ferrer & Escrivà (2013, p. 477) deixaram consignado sobre o elemento onomástico ibérico *aidu*, já que omitem a bibliografia sobre a respectiva identificação (Faria, 1990–1991, pp. 77, 82, 1991a, p. 188, 1992a, p. 193, 1994, pp. 65, 66, 68, 1998a, p. 230, 2000a, p. 125, 2000b, p. 62, 2001a, p. 96, 2004a, p. 276, 2004b, p. 175, 2007a, p. 163, 2008b [2009b], p. 145, 2010 [2011], p. 91).

aiuniCarPir. Fragmento de estátua de calcário. Cerro de los Santos (Montealegre del Castillo, Albacete). *MLH* III 2 G.14.1.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 242) ao outorgar-nos tão-somente a autoria da transliteração **aiuniTulPir** (Faria, 1990–1991, p. 76), descurando o facto de, a partir de determinado momento, termos passado a preconizar **aiuniCarPir** como leitura mais adequada (conquanto não isenta de problemas) (Faria, 1991a, p. 192, 1994, pp. 65, 66, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 315, 2008a [2009a], pp. 58, 61). De qualquer modo, a nossa sugestão no sentido de encarar **aiuniCarPir** como ND (Faria, 2008a [2009a], p. 61) não deve ser levada em consideração, já que deveremos estar na presença de um NP, eventualmente feminino (Velaza, 2007, pp. 277–278).

A fim de não perdermos tempo com despautérios (que nos provocam vergonha alheia), abstermo-nos de comentar as observações que Luján (2013, p. 108) dedicou ao NP ora tratado. A nossa atitude estende-se naturalmente ao que este linguista escreveu sobre o conteúdo desta e doutras inscrições ibéricas (Luján, 2013, pp. 107–109, 111–112, 118 e n. 28).

aniTalsCaí. Lápide. Tarraco (Tarragona). *MLH* III 2 C.18.5.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 180) ao estatuir **an-i-TalsCaí** como segmentação para o presente NP em detrimento de **ani-Tals-Caí** (Faria, 2002a, p. 139, 2004a, p. 294, 2008c [2009c], p. 299, 2010 [2011], p. 91), uma vez que pelo menos *ani* e *tals* contam com testemunhos independentes na antroponímia ibérica, e.g., em **aniesCor/anieśCor** (K.1.3) (Faria, 2002a, p. 124) e em TAVTINDALS (TSall) (Schuchardt, 1909, p. 244; Gorrochategui, 1984a, p. 276; Silgo, 1994, p. 126; Faria, 1998b, p. 236, 2002a, pp. 128, 135, 2003b, p. 215, 2004a, p. 300, 2006, p. 116, 2007a, p. 165), respectivamente. O segmento *ani* poderá outrossim ter figurado no NL *Anitorgis* (Liv. 25.32) < **Aniturgi*, caso esta ortografia, mais ajustada à fonologia ibérica, venha a ser epigraficamente corroborada em detrimento de *Amtorgis*, lição que tem merecido a preferência da grande maioria dos filólogos (Fernández-Guerra, 1879, pp. 36–37). Importa, todavia, atentar na eventualidade de *Amtorgis* constituir uma versão deturpada de *Isturgi* (Corzo, 1975, pp. 225–226) ou, com maior probabilidade do ponto de vista paleográfico, de *Illiturgi* (Hoyos, 2001, p. 84).

Como é evidente, ao invés do que se passa com *tals*, nenhuma documentação cauciona a carac-

terização de *talsco* como elemento onomástico ibérico (Faria, 1998b, p. 236, 2002a, pp. 128, 135, 2003b, p. 215, 2004a, p. 300, 2006, p. 116, 2007a, p. 165, 2010 [2011], p. 99), a despeito da opinião expressa neste sentido por Simón (2013, pp. 180, 222).

ARBISCAR. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709. Se poucas ou nenhuma dúvida suscita a individualização neste NP do segmento ibérico *biscar* (Bähr, 1948, p. 442; Michelena, 1955/1985, p. 366, 1997⁵, p. 76; Irigoyen, 1987, pp. 136, 146; Trask, 1997, p. 332; Untermann, 1998a, p. 81, n. 41), outrossim presente no NL *Biscargi(s)* (*Ptol.* 2.6.63; *Plin. nat.* 3.23) < **PisCarCi** (CNH 41:31; Faria, 1996, p. 177, 1999a, pp. 153–154, 2000a, p. 126; Ferrer, 2012, pp. 29, 30), já no que toca ao primeiro componente, será mais difícil determinar se estamos perante *ar/ar* (Faria, 1999a, pp. 153–154, 2000a, p. 126, 2003a, p. 321) ou *arbi* (Schuchardt, 1909, p. 245; Untermann, *MLH* III 1, p. 210, 1998a, p. 81, n. 41).

PisCarCi, por sua vez, poderá segmentar-se em **PisCar-Ci** — **Biscar-ci* (Luján, 2005 [2006], p. 481, 2007, p. 75; Ballester, 2013, pp. 36–37) ou *Biscar-gi* (Faria, 1996, p. 177, 1998a, p. 230, 1999a, p. 153, 1999b, p. 277, 2000a, p. 126, 2002a, pp. 123, 129, 2004b, p. 186; Ballester, 2010, p. 165) —, caso não consista numa versão haplológica de **Biscar-(ar)gi* (Faria, 2000a, p. 126, 2007a, p. 163). Tal como Luján (2005 [2006], p. 481, 2007, pp. 75) e Ballester (2010, p. 165, 2013, pp. 36–37), Curchin (2011, p. 311) ignora a existência desta legenda monetária, aduzindo, além do mais, o fantasmagórico NP *Sakarbiskar* como *comparandum* para *Biscargi(s)*. Com efeito, há mais de duas décadas que *Sakarbiskar* deu lugar a *sacarbaś* (*MLH* III 1, pp. 215, 230; Faria, 1990–1991, pp. 78, 87, 2006, p. 118). Esta mesma correcção passou igualmente despercebida a García (2005 [2006], p. 237, n. 5) e a Luján (2005 [2006], p. 481).

arPiśaí. Peso de tear cerâmico. El Palomar (Oliete, Teruel). *MLH* III 2 E.5.4.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, pp. 554, 648) ao estatuir para **arPiśaí** (Silgo, 2001, p. 348; Simón, 2013, p. 549) a transliteração **arPiśCaí**. **arPiśaí** corresponde evidentemente ao NP ibérico *Arbiśaí*, que se deve segmentar em *arbi-śaí* (Untermann, 2002 [2003], p. 357, n. 7).

auruninCi. Estela de arenito. Santa Perpetua de Moguda (Barcelona). *MLH* III 2 C.10.1.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 169) ao descurar a hipótese de **Ci** (provavelmente *gi*) pertencer ao NP em discussão: *Auruningi* (Faria, 2002a, p. 123, 2007a, p. 163, 2008b [2009b], p. 147).

a+cidei+e. Silhar de pedra. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). Untermann, 1999 [2000], p. 108.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 153) ao estatuir para **a+cidei+e** (Faria, 2002a, pp. 126, 127, 2004a, p. 294, 2005a, p. 168) a transliteração **arkideibas**.

BAGARENSIS. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709.

Desde há alguns anos (Faria, 2004b, p. 177, 2005c, p. 630, 2007a, p. 166, 2008a [2009a], p. 95, 2011 [2012], p. 167) que temos vindo a advogar a individualização do NL **Bagar* > **Bagara*/**Bagaro*, a partir do qual derivou o presente NE, na legenda monetária **PaCarTaCi** (Villaronga, 1998, p. 125, n.º 303), constituindo a sequência **TaCi** um complexo de sufixos — *-da/-ta* (Luján, 2005 [2006], pp. 483, 2007, pp. 56–62; Ballester, 2013, pp. 38–40) e *-ci* (Luján, 2005 [2006], p. 481, 2007, pp. 75–77; Ballester, 2010, pp. 151–152, 2013, pp. 36–37 —, que parece igualmente ocorrer em **]aTaCi** [(Villaronga, 1998, p. 133, n.º 460: **RKOS...**) e em **]TaCio** [(Villaronga, 1998, p. 134, n.º 483). Apenas este último sufixo foi reconhecido por Luján, 2005 [2006], p. 481), que, por exclusão de partes, admite a existência de um improvável NL **baCarta*. Não podemos, no entanto, deixar de assinalar o facto de os estudos de Luján (2005 [2006], *passim*, 2007, *passim*) e Ballester (2010, pp. 151–152, 2013, *passim*) enfermarem de diversos lapsos na identificação de determinados NNL que seriam alegadamente portadores dos ditos sufixos (a propósito dos citados trabalhos de Luján, v. Faria, 2007a, p. 163, 2007b, p. 210).

Mais recentemente (Faria, 2008a [2009a], p. 85, 2011 [2012], p. 167), sem prejuízo da interpretação da legenda monetária **PaCarTaCi** como transmissora do NL **Bagar* ou **Bagara*/**Bagaro*, alvitramos a hipótese de a mesma corresponder a um NP céltico, **Macartagios*, composto por *macar-* (Evans, 1967, pp. 364–365; Prósper, 2002, p. 185;

Delamarre, *DLG*, p. 212, 2007, p. 225) e por *tago-* (Delamarre, *DLG*, pp. 431, 438, 2007, p. 233).

Não sabemos se Curchin (2011, p. 310) nos seguiu nesta nossa última exegese, já que este autor optou por silenciar a provável associação entre a legenda monetária **PaCarTaCi** e o NL **Bagar(a/o)*, que ele, de resto, identifica como *Bagara*; trata-se, aliás, de uma dupla arbitrariedade, porquanto, além de prescindir do indispensável asterisco, Curchin não contempla a eventualidade, tão-pouco equacionada por Pérez Orozco (2009, p. 264), de o sufixo toponímico em questão ter sido *-o* (Faria, 1995a, p. 326, 2002a, p. 129, 2003a, p. 314, 2011 [2012], p. 156).

bandu(i?). Estela de arenito. *Baetulo* (Badalona, Barcelona). Comas, Padrós & Velaza, 2001 [2002], pp. 297–298.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 172, n. 16) ao descurar a maior parte da bibliografia acerca da individualização de *ban* enquanto segmento antroponímico ibérico (Faria, 1990–1991, pp. 77, 79, 1991a, p. 190, 1992a, p. 195, 1994, pp. 66, 70, 1995a, p. 326, 1997, pp. 107, 108, 2004a, pp. 278–279, 2008b [2009b], p. 148, 2011 [2012], p. 171; Pérez Vilatela, 1992, p. 355).

De qualquer modo, importa levar em consideração a eventualidade de **bandui** (ou **bandu?**) estar pelo NP céltico **Mandu* ou **Manduios*, a despeito de ostentar **Ylbebiur** como patronímico (Comas, Padrós & Velaza, 2001 [2002], p. 298) (Faria, 2011 [2012], p. 153).

bansof. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigeon, Aude). Solier, 1979, p. 83.

Ferrer (2013a, p. 163) sabe perfeitamente que não está em condições de reivindicar a autoria da identificação de **bansof** como NP ibérico (Faria, 1990–1991, p. 83, 1991a, p. 190, 1992a, p. 195, 1994, pp. 66, 70, 1995a, p. 326, 1997, p. 107, 2004a, p. 292, 2007b, p. 213).

BE|SVNIS (*uel* BE|SVNIS) (gen.). Estela de arenito vermelho. Alcaraz (Albacete). Abascal, 2013, pp. 18–19.

À primeira vista, estaremos perante um NP ibérico (latinizado), **Beisun*, a segmentar em *beis-un*. O elemento onomástico *beis* parece ocorrer em posição inicial no ND BEISIRISSE (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 315, n.º 473), podendo figurar

como segundo membro de composto nos NNP **soñibeis** (F.21.1) e ADIMEIS (CIL 1² 709) (Faria, 2007a, p. 162). *-un*, por sua vez, estaria unicamente atestado em **tasberiu** (C.2.3; Ferrer, 2005 [2006], p. 966, n. 46) (Faria, 2007b, p. 211: **tas-ber-iun**). Considerando, no entanto, que um dos dois indivíduos memorados na estela, filho do suposto **Beisun*, dá pelo nome de *Nigrinus*, preferimos seguir a lição alternativa que Abascal (2013, p. 19) fornece para o mencionado NP ibérico: **BEĽSVNIS** (gen.). Em conformidade com esta perspectiva, *Nigrinus* não seria mais do que a tradução latina do NP *Belsu/Belsú* (Untermann, 1996, p. 131) < *bel-(s)u / bels-(s)u / bel-śu / bel(s)-śu*, que se documenta no basco medieval como *Belso/Belcho* (Salaberry, 2008, pp. 187—188). A probabilidade de *Nigrinus* constituir um NP traduzido do ibero sai fortalecida com a invocação de mais dois *Nigrini* filhos de indivíduos cujos *cognomina* são reportáveis àquele idioma: **Agirśaí* (EDCS-06900067) (Rubio, 1997, pp. 60—61; Faria, 1997, p. 111) e *Escerior* (EDCS-09100319). Tal não significa, é claro, que todos os *Nigrini* hispânicos constituam nomes de tradução ou que os eventualmente integráveis nesta categoria, sobretudo os idiómicos documentados no Noroeste e Oeste da Península Ibérica (Albertos, 1987, p. 177), configurem latinizações a partir do ibero. De qualquer modo, não será possível dirimir definitivamente a questão da leitura do NP em causa — **BEĽSVNIS** ou **BEĽSVNIS** — enquanto a lápide que o testemunha, somente conhecida por desenho, continuar desaparecida (Abascal, 2013, p. 18).

betigibelsíř. Inscrição em rocha. Osséja 3 (Pyrénées Orientales, Languedoc-Roussillon). Campmajo & Untermann, 1993, p. 510.

Na nossa abordagem a **betigibelsíř** (Faria, 1994, p. 69, 2003a, p. 319), já havíamos posto em paralelo o elemento final *-íř* com o que figura em idêntica posição em **SANIBELSER** (TSall). É, pois, notória a negligência manifestada por Ferrer & Garcés (2013, p. 109) ao omitirem a bibliografia publicada sobre a matéria.

A propósito do segmento onomástico *-eíř*, constante de **SANIBELSER** e de outros NNP ibéricos (Faria, 2010 [2011], p. 97), não menos lamentável é a omissão por parte de Ferrer & Escrivà (2013, p. 467) de quem os precedeu na individualização do NP **benebedanef** (Faria, 1991a, p. 190, 1994, p. 67, 2003a, p. 317, 2010 [2011], p. 97, 2011 [2012], p. 152).

bersíř. Pendente de xisto. Can Gambús (Sabadell, Vallès Occidental, Barcelona). Artigues & alii, 2007 [2008], p. 243.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 168) ao descuidar a circunstância de se conhecer há muito tempo o NP ibérico *Berśíř* (Faria, 1990—1991, pp. 77, 79, 1991a, pp. 190, 194—195, 1994, pp. 67, 69, 1995a, p. 326, 1995b, p. 80, 2001a, p. 99, 2002a, p. 125, 2007b, p. 212, 2008a [2009a], p. 65), que, pese embora o uso do outro signo de sibilante, é evidentemente passível de ser cotejado com *Berśíř*. Não estamos em condições de concluir que o NP mencionado no pendente de Can Gambús, por ser mais recente, configure uma forma evolucionada de *Berśíř*; nem sequer é possível assegurar, tão-pouco, que aquele constitui uma variante diatópica deste último (Faria, 2010 [2011], p. 93).

A despeito da convicção evidenciada por Simón (2013, p. 168), a divisão de **bersíř** em **ber-síř** não está completamente demonstrada, podendo, em alternativa, o mesmo NP segmentar-se em **bers-íř**, caso seja **Pers-a** a segmentação apropriada de **Persa** (Faria, 2005b, p. 278, 2010 [2011], p. 93), transliteração do NL ibérico *Bersa*, identificativo de uma ceca de localização indeterminada (CNH 439:1—2). Também em apoio da análise **bers-íř** poderá ser trazido à colação como *comparandum* o NP *Berśtan* (G.17.1: **PerśTan**), a segmentar em *berś-tan* (Faria, 1990—1991, pp. 76, 84, 1994, pp. 67, 70, 2001a, p. 99, 2002a, p. 125, 2004a, p. 304, 2007b, p. 211), que Simón (2013, p. 241) leu erradamente como **berstan** e como **barstan**, com a agravante de esta última transliteração nos ter sido imputada.

Como eventual testemunho da segmentação *berś-tan*, não deverá tão-pouco ser descartado o NP **s]elgiberś** (Panosa, 2005 [2006], p. 1053), que poderá ser isolado na sequência **s]elgiberśaíř** (Cura, 1993, p. 219). Importa, contudo, ter em atenção que **s]elgiberśaíř** poderá constituir um NP, a segmentar em **s]elgi-ber-śaíř** (Faria, 1999a, p. 156, 2003a, p. 318, 2003b, p. 215, 2004a, p. 299, 2006, p. 117, 2010 [2011], p. 101) ou em **s]elgi-berśaíř** (Faria, 2003a, p. 318, 2004a, p. 299, 2010 [2011], p. 101); já uma segmentação em **s]elgi-(i)ber-śaíř**, alvitada por Ferrer & Garcés (2013, p. 110), afigura-se-nos excessivamente aventurada.

Lamentavelmente, e não obstante as inegáveis semelhanças entre **s]elgi-(i)ber-śaíř** e uma das segmentações por nós sugeridas, Ferrer & Gar-

cés (2013, p. 110) eludiram a bibliografia anterior acerca da interpretação de **s]elgiberšar** como NP ibérico trimembre.

CASTLOSAIC. Placa de calcário. **caštilo**/*Castulo* (Cazlona, Linares-Lupión-Torreblascopedro, Jaén). *MLH* III 2 H.6.1.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 161) ao remeter para Correa (2009, p. 281, n. 43) a interpretação de “Castulonense” como tradução de CASTLOSAIC, descurando o facto de já Hübner (1862, p. 33) ter chegado à mesma conclusão há cerca de século e meio. A mesma negligência (Simón, 2013, p. 245) reflecte-se na análise de CASTLOSAIC — CASTLO-SA-IC (*MLH* III 1, p. 169, *MLH* III 2, p. 653; Orduña, 2006, p. 78) —, que não toma em devida conta outras abordagens tão ou mais pertinentes do que aquela (Faria, 2009 [2010], pp. 160–161, com a bibliografia anterior). Surpreendentemente, Orduña (2013, p. 520), contrariando a sua posição anterior, vem agora reivindicar a autoria da segmentação CASTLO-S-AIC quando afinal é bem sabido (Faria, 2011 [2012], p. 159) que a prioridade pertence a Pérez Orozco (1993a, pp. 225–226).

CefeCes. Placa de xisto. Ampúrias (La Escala, Gerona). Aquilué & Velaza, 2001 [2002], pp. 281–282; Rodríguez, 2002 [2003], p. 260; *HEp* 11, 264.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 161) ao limitar-se a secundar a transliteração aventada quer por Rodríguez (2002 [2003], p. 260) quer por Luján (*ad HEp* 11, 264) — **la CefeCes** — sem contemplar a alternativa por nós equacionada (Faria, 2007a, p. 169, 2007b, p. 225): **ša CefeCes**. É provável que estejamos perante um NP (Rodríguez, 2002 [2003], p. 260; Faria, 2007a, p. 169), mas não é de rejeitar a eventualidade de **CefeCes** conformar um gentílico (pl.) (Faria, 2007a, pp. 169–170).

CirinaPar. Estela de calcário. Bicorp (Valência). *MLH* III 2 F.13.1; Silgo, 2000a, *passim*.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 237) ao estatuir para **CirinaPar** (Faria, 2004b, p. 180, 2007b, p. 224, 2008a [2009a], p. 71) a transliteração **+r inabar**.

cobesor. Cista de calcário. Pech Maho (Sigean, Aude). *MLH* II B.7.1.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 154) ao estatuir para **cobesor** (Faria, 2004b, p. 181) a transliteração **+bes+r**.

cofoieiecefs. Cista de calcário. Pech Maho (Sigean, Aude). *MLH* II B.7.1.

Esta sequência foi erroneamente transliterada como **cofoieiecer/cofoieiecer** por Simón (2013, pp. 154, 155). Trata-se decerto de um NP ibérico, cuja correcta individualização assenta em duas ocorrências do mesmo, ainda que com ligeiras variantes, em território peninsular: **cofoieief** (C.2.5) e **CofoieCefs** (F.20.1) (Velaza, 1991, p. 93, n.º 353).

CulesPai. Estela de grés. Les Ermites (Bell-lloc, Plana Alta, Castelló de la Plana). Arasa, 2001, p. 142.

CulesPai configura naturalmente um NP ibérico composto por **culés** e por **bai** (Faria, 2007b, p. 215), uma interpretação que, para nosso grande regozijo, além de ter sido referenciada por Luján (*ad HEp* 16, 152), mereceu o acordo deste ilustre indo-europeísta.

Em contrapartida, é notória a negligência manifestada por Simón (2013, p. 207) ao estatuir para **CulesPai** a transliteração **+lešbai+** [---].

deitatar. Fundo de jarro de cerâmica. La Cabañeta (El Burgo de Ebro, Saragoça). Díaz & Mínguez, 2009.

Pouco mais temos a acrescentar ao que deixámos consignado acerca deste NP noutra ocasião (Faria, 2009 [2010], p. 161). Cumpre-nos agora, tão-somente, formular a hipótese de **deitatar** consistir num NP de origem geográfica que em latim se traduziria por **Deitanus*, a juntar a vários outros que coligimos na nossa última crónica (Faria, 2013, p. 196). Não vislumbramos grandes obstáculos ao entendimento do morfema sufixal **-tar** como cognato (paleo) basco/aquitano-ibérico, cumprindo em ambos os idiomas a função de formador de gentílicos (Schuchardt, 1909, p. 244). Mais problemática, atendendo à vogal inicial e ao distinto signo de vibrante, é a analogia estabelecida sobretudo por Tovar (1951, p. 303, 1954, p. 224, 1959, p. 44, 1961, p. 74, n. 46) entre o supracitado sufixo **-tar** e **(-)etař**, lexema atestado em emissões monetárias de *Ařse* e de *Šaitabi* (Michelena, 1979, p. 35; Gorrochategui, 1984a, p. 215, 1993, p. 631; Correa, 1994, pp. 282–283; Ballester, 2001 [2002], p. 27; Rodríguez, 2002, p. 206, n. 13; Ferrer, 2012, pp. 38–40).

**Deitanus* remeteria naturalmente para a regio *Deitania*, mencionada por Plínio (*nat.* 3.19). Este corónimo, por sua vez, derivaria do NL **Deita* (Fernández-Guerra, 1879, pp. 19, 20, 23, 53) < celt. **Dex̄ta* < **dex̄to-* (Prósper, 2005, p. 305), documentando-se este mesmo radical em diversos NNP célticos (Delamarre, 2007, p. 219: *decto-*). Uma tal atribuição linguística torna irrelevantes as reservas formuladas por Quintanilla (1998, p. 272) acerca da fiabilidade da transmissão codicológica do polémico NL.

Não descortinamos qualquer necessidade de equacionar a hipótese de *Deitania* consistir na haplogogia de **Deitania* com base na circunstância de quase todos os corónimos do Sul e do Sueste peninsular apresentarem nas fontes clássicas o sufixo *-tan-*, de inquestionável matriz latina, em posição inicial (Jacob, 1986, p. 277, *passim*; Faria, 1987, pp. 25–26, 1988, pp. 7–8, 1993a, p. 131, 1993b, p. 143, 1995c, p. 94, 1998c, p. 246, 1998d, p. 258, 2001b, p. 214, 2003a, p. 326, 2003b, p. 220, 2005a, pp. 168–169, 2005b, pp. 275–276, 2005c, p. 632, 2007, p. 165; Prósper, 2005, p. 297, n. 419; García, 2006 [2007], p. 104). De resto, tal como sucede com *Deitania*, também a segunda oclusiva dental presente no corónimo *Contestania* deverá pertencer ao radical, igualmente de provável extracção céltica (Nieto, 1997, p. 135; De Bernardo Stempel, 2002 [2003], p. 117, 2008, p. 103 e n. 22; García, 2006 [2007], p. 103, 2007, pp. 187–188; DCCP-N, p. 107; Delamarre, 2012, p. 122), e não ao sufixo (*contra*, Faria, 1993b, p. 143, 2002a, p. 134; Prósper, 2005, p. 297, n. 419).

Parece-nos agora inquestionável que, independentemente do significado a atribuir ao elemento final de *deitatar*, a atestação deste NP vem corroborar a existência do poleónimo **Deita* e do corónimo *Deitania*. Os habitantes da região assim designada seriam os Διττανοί, mencionados por Estrabão (*Geog.* 3.4.12): Διττανῶν (gen. pl.) (Fernández-Guerra, 1879, p. 11; Hübner, 1901, col. 2409; Capalvo, 1996, p. 54; Zehnacker, ed., 1998, p. 134; Moret, 2004, pp. 58–59; Silgo, 2012 [2013], *passim*, 2013, p. 127).

A título meramente especulativo, talvez se possa encontrar em *Deitana* (adj.) a génese do orónimo *serra d'Aytana* (1376, 1379) (Casanova, 2011, p. 257) com deglutinação do /d-/, erroneamente interpretado como preposição (contraída). Esta nossa conjectura afigura-se mais verosímil do que a sugestão formulada por Coromi-

nes (1994, p. 45) no sentido de fazer derivar *Aitana* de **Aetana* < **Adetana* < *Edetana*.

Também a legenda monetária *TeitiaCos* é passível de ser utilizada como argumento abonatório da autenticidade do corónimo *Deitania* (MLH V 1, p. 370), porquanto nada obsta a que tal formação adjectival, caso esteja por /deitiakos/ (MLH V 1, p. 370; *contra*, Prósper, 2005, p. 241, que só admite /teitiakos/), reconduza a **Deitia*, um NL que atestaria o mesmo radical céltico subjacente a **Deita* < *Deitania*.

No que ao NP TEITABAS (BB II) diz respeito, é agora nossa convicção de que o mesmo contém o supracitado radical tematizado **deita* < **dex̄to-* depois de devidamente adaptado à fonologia ibérica com vista à formação de um NP por combinação com o segmento *bas̄*, de vasta utilização em posição final em NNP pertencentes a este idioma. De facto, tal como veremos no verbete seguinte, a fonotaxe ibérica caracterizava-se por uma forte restrição ao uso de /d-/. De qualquer modo, não se pode perder de vista a possibilidade de a primeira parte deste NP híbrido (ibero-céltico) (Faria, 2008b [2009b], p. 153, 2009 [2010], p. 161) filiar-se em **tēx̄to-* (Faria, 2009 [2010], p. 161) ou, conquanto mais remotamente, em **tita-* (Faria, 2008b [2009b], p. 153).

Diremos, em jeito de conclusão, que são cada vez mais abundantes os indícios de natureza linguística que ajudam a sustentar o secular reconhecimento da existência do corónimo *Deitania* (Fernández-Guerra, 1879, pp. 11, 34, n. 10; Hübner, 1901, col. 2409; Bosch, 1932, pp. 354, 637, 1944, pp. 146, 148; Capalvo, 1996, p. 54; Zehnacker, ed., 1998, p. 134; Moret, 2004, pp. 58–59; Silgo, 2012 [2013], *passim*, 2013, p. 127). Não obstante, haverá sempre quem conteste a fidedignidade do dito corónimo tal como foi transmitido por Plínio e pense que *Deitania* carece de dignidade onomástica, não passando de uma corruptela veiculada através dos manuscritos da *Naturalis Historia* (Vallejo, 1947, pp. 201–206; Tovar, 1989, p. 32; Pérez Almoguera, 2000, p. 205; González & Amante, 2001, p. 168; Gozalbes & González, 2008, p. 88; De Hoz Bravo, 2011, p. 41; Beltrán Lloris, 2012 [2013], pp. 485–486 e n. 27). Ressalvando a postura prudente assumida por Vallejo (1947, *passim*), cremos que, *mutatis mutandis*, se pode aplicar a todos os autores que seguiram este filólogo na rejeição do corónimo *Deitania* o certo diag-

nóstico formulado por Beltrán Lloris (2007, p. 122):

[y], lo que es más grave, se sospecha de la fiabilidad del texto, recurriéndose con demasiada frecuencia a la fácil, pero muy peligrosa receta de «corregir a Plinio» ante el menor problema.

dešailaur. Pendente de xisto. Can Gambús (Sabadell, Vallès Occidental, Barcelona). Artigues & alii, 2007 [2008], p. 244.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 168) ao estatuir, a propósito do NP em questão, a existência de vocábulos ibéricos iniciados por oclusiva dental sonora (*contra*, Michelena, 1957/1995, p. 112; Quintanilla, 1998, pp. 38, 271–272; Ballester, 2001 [2002], p. 26; Faria, 2008a [2009a], p. 89, 2010 [2011], p. 95), uma ideia que já havia sido exposta por Correa (1994, p. 277) sem que tivesse aduzido qualquer suporte documental. As quatro exceções a esta regra fonotáctica — nenhuma delas susceptível de ser interpretada como nome próprio — foram recolhidas por Quintanilla (1998, pp. 271 e 272, n. 48).

ebaícor. Lâmina de chumbo. La Bastida de les Alcuses (Valencia). Fletcher & Bonet, 1991–1992, p. 148: **kubikekor**; Faria, 1992–1993, p. 278.

Por razões que nos escapam, vários autores têm experimentado enormes dificuldades em reconhecer quem identificou este NP ibérico e procedeu pela primeira vez à sua correcta segmentação (Faria, 1992–1993, p. 278, 1994, p. 69, 1997, p. 108, 1999a, p. 154, 2000a, p. 136). Depois de Rodríguez (Faria, 2008b [2009b], p. 149) e De Hoz Bravo (Faria, 2011 [2012], p. 165), chegou agora a vez de Ferrer (2013b, p. 152).

enatilaí. Placa de chumbo. Ampurias (La Escala, Gerona). *MLH* III 2 C.1.5.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 163) ao identificar aparentemente uma origem comum para *tilaí* e **(biur)tilaur** (K.1.3). A partilha da sequência **til-** está longe de poder justificar semelhante postura, até porque não é de descartar a possibilidade de o NP objecto da presente entrada ser transliterado como **enadilaí** (Correa, 1992, p. 282). Mais próximo de **enatilaí** (caso seja esta a transliteração apropriada) parece encontrar-se Τελαρ, provável NP também proveniente de Ampurias (San-

tiago, 1994, pp. 221–222; Faria, 1997, p. 111, 1998b, p. 234, 2007a, p. 173; Canós, 2002, pp. 40–41, n.º 6).

ešCerTiPan. Estela de calcário. Bicorp (Valência). *MLH* III 2 F.13.1; Silgo, 2000a, *passim*.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 237) ao estatuir para **ešCerTiPan** (Faria, 2004b, p. 182, 2007b, p. 224) a transliteração **+šCerTiPan**. Tão-pouco Simón conseguiu identificar em **ešCerTiPan** o NP ibérico *Ešcertiban*.

GVSTVNA. Estela de arenito. *Libia* (Herramélluri, La Rioja). *EDCS*-39700152.

Este NP, de clara filiação céltica (*DLG*, p. 184; Matasović, 2009, p. 169), está igualmente representado na sua versão masculina através do gen. GVSTVNI (Beltrán Lloris & Díaz, 2005, p. 277), inscrito num epitáfio achado em Trébago (Sória) (*HEp* 11, 520). Também o *cognomen Gustumus*, documentado numa inscrição funerária de *Clunia* (*EDCS*-05502187), ostenta naturalmente o mesmo radical (Delamarre, 2007, p. 106), ao qual, de resto, se reporta o NF **CusTiCum** (K.1.3) (Untermann, 1996, p. 145).

Até prova em contrário, cremos que terá sido do NP **Gustunnus* < *Gustunus* < **Gustunos* < **Gustos*/**Gustu* que terá derivado o NL navarro *Zúñiga*. Esta solução deve prevalecer sobre a tentativa de fazer remontar o dito NL ao pretense NP **Vestunnus*/**Vestunnius* (Salaberri, 2011, p. 149). A evolução **Guztunica* > **Gustunnica* > *Buztunica* (1110) > **Uztunica* > *Uztuniga* (1203) não oferece, no plano da fonologia diacrónica basca, quaisquer dificuldades (Michelena, 1977², pp. 253, 259–260). A dissimilação vocálica explicaria a formação de *Beztunica* (1110) a partir de *Buztunica*. Curiosamente, Salaberri (2011, p. 148), contrariando o testemunho fornecido por *Esalaga* < *Besalaga* < *Gesalaga* (1100) (Oroz, 1971, p. 315; *recte*, *Gessalaga*: Arzamendi, 1985, p. 354), faz derivar *Eztunica* (1192), não de *Beztunica*, mas de **Geztunica*, uma formação que, a ter existido, configuraria o resultado da dissimilação vocálica de **Guztunica*.

De qualquer modo, a favor da teoria defendida por Salaberri, importa invocar o testemunho de *Vestonius* (*EDCS*-08400666), um gentilício latino criado a partir de um NP céltico (Delamarre, 2007, p. 198), presumivelmente **Uestonios*. Não pode ser excluída a hipótese de **Vestonnius* <

Vestonius < **Uestonios* ter estado na génese de *Beztonica*. Em qualquer dos casos, a geminação da nasal que subjaz ao NL basco encontra a sua explicação na acentuação do celta continental, mediante a passagem do acento da antepenúltima para a penúltima sílaba (De Bernardo Stempel, 2010, pp. 71–72, 74–75).

iaíPer. Estela de arenito. Caspe (Saragoça). *MLH* III 2 E.13.1.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 190) ao estatuir **iaí-i-Per** como segmentação para a transliteração do NP *laíiber*, em detrimento de **iaí-i-Per** (Pérez Rojas, 1983, p. 279; Pérez Vilatela, 1993, p. 40; Faria, 1990–1991, p. 85, 2002a, p. 128, 2008a [2009a], p. 77). Mais grave do que a negligência evidenciada por Simón é a circunstância de Ferrer & Garcés (2013, p. 110) se apresentarem (involuntariamente) como descobridores desta última segmentação. Por outro lado, estes autores não se deram conta de que o formante ibérico *iber* comparece outrossim em **abuiber** (G.1.7) (Faria, 2008a [2009a], p. 77, 2011 [2012], p. 148).

iCedānCom. Moedas. **CoPouTo/Complutum** (Alcalá de Henares, Madrid). *CNH* 243:1.

Uma das mais recentes teorias lançadas por Luján (2013, p. 121) consiste em interpretar **iCedānCom** (*MLH* V 1, p. 135) como a realização gráfica de /iglesankom/, segundo ele, “la versión celtibérica del ibérico **ikale(n)sken**”. Bastaria a Luján atentar no que afirmámos em várias ocasiões sobre este NE (Faria, 1991b, p. 15, 1992b, p. 45, 2002b, p. 234, 2003b, p. 220, 2005b, pp. 280–281, 2007a, p. 171, 2012, p. 97) para se coibir de lançar uma conjectura tão infundada como a que agora noticiamos. Por outro lado, teria sido interessante conhecer os motivos que conduziram Luján a aventar a hipótese de os quatro primeiros signos da legenda monetária ibérica **iCale(n)sCen** corresponderem a /igle/. Considerando que esta é transcrição que vimos sustentando há mais de vinte anos, parece-nos que estamos perante “gato escondido com rabo de fora”, a fazer lembrar a deplorável conduta de um conhecido perito, oportunamente denunciada (Faria, 2005b, pp. 280–281). Convirá recordar que, independentemente da validade da tese advogada por Luján há alguns anos, a transição de *igaléske-* para *igléske*, “con pérdida de la vocal

pretónica” (Luján, 2003 [2004], p. 132), foi contextualizada pelo mesmo investigador num momento tardio da formação do NL *Illesca(s)*, no quadro da “evolución del latín al castellano” (Luján, 2003 [2004], p. 132).

Em alternativa à proposta formulada por Luján a respeito de **iCedānCom**, afigura-se-nos bem mais provável fazer corresponder a referida legenda monetária a /igedankom/ e identificar **igaid-*, o radical do presumível NE lat. **Igedani* < celt. **Igedanoi*, com o que subjaz ao NE *Igae-ditani* e ao NL *Igaedus* (Prósper, 2002, p. 217).

ildirgiís. Fragmento de vaso de cerâmica ática. Puig de Sant Andreu (Ullastret, Gerona). *MLH* III 2 C.2.11.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 554) ao estatuir para **ildirgiís** (Siles, 1985, p. 240, n.º 1018; Faria, 1995a, p. 327, 2000a, pp. 138–139, 2000b, p. 64, 2002a, p. 130, 2004a, p. 297, 2010 [2011], p. 96) a transliteração **ildirbasí**. Trata-se de um evidente erro de leitura que também mereceu o aval de Ballester (2013, p. 37).

ilTuTaís. Estela de calcário. El Pozo (Sinarcas, Requena-Utiel, Valência). *MLH* III 2 F.14.1.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 227) ao remeter o primeiro formante para *ildurí*, descurando a eventualidade de ser *ildun* o segmento inicial do NP em causa (Tovar, 1959, p. 52; Anderson, 1993, p. 495; Faria, 2002b, p. 234, 2011 [2012], p. 168).

iPesunin. Estela de calcário. Bicorp (Valência). *MLH* III 2 F.13.1; Silgo, 2000a, *passim*.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 237) ao estatuir para **iPesunin** (Faria, 2000a, p. 127, 2004a, p. 286, 2004b, p. 182) a transliteração **+kasunin**.

isCeasíCo. Estela de calcário. Camí del Molí (Terrateig, La Vall d’Albaida, Valência). Fletcher & Gisbert, 1994, p. 7.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 237) ao estatuir para **isCeasíCo** (Faria, 1998b, p. 238, 2000a, p. 135, 2007a, p. 172) a transliteração **isCe+íCo**.

Trata-se naturalmente de um NP segmentável em **isCe-asíCo**, documentando-se *isce* em **isceberi** (Moncunill & Morell, 2008, p. 249), **isCeilTun** (F.21.1), **iscelaceí** (Genera, 2005 [2006], p. 1001), **isCenius** (F.9.8) e **isCeunir**

(G.17.1) (Faria, 1998b, p. 238, 2000a, p. 135, 2007a, p. 172). Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 239) ao atribuir a Moncunill (2007, p. 191) a autoria da invocação de tais paralelos.

asco, por sua vez, não conta com qualquer paralelo na onomástica ibérica. Talvez haja que identificar este componente com o que encerra o NP *Belasco*, de origem paleobasca, mas apenas testemunhado em documentos medievais. Em vez de *Bel-asco*, não pode, no entanto, ser rejeitada a hipótese de a segmentação correcta deste último NP ser *Belas-co* (Michelena, 1954/1985, p. 435), comparável ao ib. *belás-baiseí* (D.10.1), ou *Bela-sco* (Michelena, 1997⁵, p. 69).

isCeunir. Estela de calcário. El Salobral (Albacete). *MLH* III 2 G.17.1.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 237) ao descurar a maior parte da bibliografia acerca da individualização dos formantes que compõem o NP em análise (Faria, 1990–1991, pp. 76, 86, 1991a, p. 190, 2000a, p. 135, 2004a, p. 303, 2007a, p. 172, 2008a [2009a], p. 77).

É interessante assinalar que Simón (2013, p. 241) não hesitou em ocultar o facto de Untermann ter decidido deixar de fora **isCeunir** de todos os repertórios antroponímicos ibéricos por ele elaborados, designadamente no mais recente deles (*MLH* III 1, pp. 209–238).

Por dolo ou, mais provavelmente, por ignorância, Luján (2013, p. 108) não referiu quem o precedeu em quinze anos na individualização do NP **isCeunir** (Faria, 1998b, p. 238, 2000a, p. 135, 2007a, p. 172).

iubeba+ate. Silhar de pedra. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). Untermann, 1999 [2000], p. 108.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 153) ao estatuir para **iubeba+ate** (Faria, 2002a, p. 127, 2005a, p. 168, 2007a, p. 172) a transliteração [---]**iubebarete**.

lacereiaǵtur. Placa de chumbo. Ampurias (La Escala, Gerona). *MLH* III 2 C.1.5.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 163) ao descurar a ocorrência de um terceiro membro no NP ibérico *Lacereiaǵtur* (Faria, 2004a, p. 298, 2010 [2011], pp. 96–97), truncando-o arbitrariamente em **lacereiaǵ**.

laurPeǵTon. Placas de chumbo. Pico de los Ajos (Yátova, Valência). *MLH* III 2 F.20.1, .2, .3.

Vimos sustentando desde há vários anos que **PeǵTon** encontra um só — e intrigante — paralelo no segundo componente do NP paleobasco CORMERTONIS (gen.) (Faria, 2000a, pp. 135–136, 2003a, p. 324, 2004a, p. 306, 2006, p. 124, 2008b [2009b], p. 149). Rodríguez (2007 [2008], p. 105) refutou esta nossa comparação, alegando que “Faria no parece compreender que la nasalización de la labial sólo es probable en contexto de contacto directo o tautosilábico con nasal”. Rodríguez esqueceu-se de afirmar que a regra por ele insidiosamente deturpada se aplica ao sistema fonológico (paleo)basco. A insídia patenteada por Rodríguez transparece do encobrimento de uma especificação da maior importância na dita regra: a assimilação de nasalidade produzia-se “cuando había otra nasal **en la misma palabra** [sublinhado nosso]” (Michelena, 1977², p. 268). Assim sendo, resta averiguar qual a explicação que Rodríguez iria inventar para a passagem de /b/ a /m/ nos “otros casos, numerosos y difundidos” (Michelena, 1977², p. 269), que surgem, no idioma em causa, desprovidos de nasal (Michelena, 1974, pp. 195–196, 1977², p. 269; Orpustan, 1999, p. 104). É claro que Rodríguez, falto de argumentos, sempre poderia alegar como escapatória que os sistemas fonológicos ibérico e paleobasco nada teriam em comum...

Fica, pois, feita a demonstração da má-fé exibida por Rodríguez na crítica que nos dirigiu, uma atitude que, conforme temos vindo a comprovar repetidamente, é a imagem de marca deste especialista; detectámos o enésimo exemplo desta degradante conduta (Rodríguez, 2008, p. 584, n. 8) em mais uma tentativa de usurpação da comparação/identificação da sequência morfemática *basbidirbaǵtin* (G.1.1) com **PasPiǵtirPaǵTin** (Faria, 1992–1993, p. 278, 2003a, p. 322, 2004a, p. 279), que, na *editio princeps*, figurava como BISUDURBIBETIN (Fletcher & Bonet, 1991–1992, p. 147).

De qualquer modo, a correspondência que vimos defendendo entre os elementos finais de **laurPeǵTon** e CORMERTONIS (gen.) poderá nem sequer passar pela transposição para a fonologia ibérica da regra observável no (paleo)basco, caso **laurPeǵTon** esteja por **Laurmeǵton*. Efectivamente, não cremos que alguém esteja em condições de garantir que o primeiro dos

dois silabogramas constantes do NP em apreço não representa /me/ em alternativa a /be/. **Laurmeíton* constituiria, assim, um NP cujo segundo componente poderia não ser mais do que iberização de um elemento onomástico céltico, eventualmente o mesmo que ocorre em COMERTA (EDCS-10400880).

liCine. Grafito sobre campaniense B. Plaza de la Virgen (Valência). Bonet & Mata, 1989, p. 142.

É absolutamente assombroso que, passadas mais de duas décadas sobre a publicação do artigo em que Pérez Vilatela e Silgo (Pérez Vilatela, 1992, p. 352 e p. 354, Fig. 2) corrigiram a transliteração do supracitado grafito alvitada por Bonet & Mata (1989, p. 142) — **liCine** por **ligie** —, ainda nos possamos deparar com declarações acerca da dita inscrição reveladoras de um preocupante desconhecimento da matéria tratada. Depois de Beltrán Lloris (2011a, p. 141 e n. 11), coube agora a De Hoz García-Bellido, Díaz & Ribera (2013, p. 419) confessarem a sua ignorância, não se coibindo os quatro autores citados de responsabilizar por tal facto Ignacio Simón, que tenciona republicar o texto em questão.

Enquanto aguardamos com enorme expectativa o inovador e decisivo estudo empreendido por Simón, cremos que vale a pena reiterar a nossa convicção de que **liCine** é exactamente o mesmo NP que se encontra atestado nos textos ibéricos inscritos nos mosaicos de La Caridad (Caminreal, Teruel) e **Andelo* (Muruzábal de Andión, Navarra) (Pérez Vilatela, 1992, p. 352; Faria, 2000a, p. 124, 2011 [2012], p. 172). Por outro lado, importa referir que tanto o local de achamento — Valência — como a natureza do suporte tornam altamente inverosímil que **liCine** designe um Celtibero. Tão-pouco será aceitável que, numa cidade povoada sobretudo por imigrantes da península itálica, um destes inscrevesse num objecto de carácter privado o seu nome em escrita e língua ibéricas (*contra*, Pérez Vilatela, 1992, p. 352); tudo se conjuga, pois, para que o NP em causa, nas três ocorrências até agora documentadas, seja efectivamente ibérico — **Ligine* — ou, em último caso, latino — *Licinus* (García-Bellido, 1990, p. 72; Velaza, 1991, p. 292; De Hoz Bravo, 1992, p. 336, n. 33, 1995, p. 30; Pérez Vilatela, 1992, p. 352; Faria, 1994, p. 68, 1997, p. 109, 2000a, p. 123, 2011 [2012], p. 172).

oCelaCom. Moedas. **Ocela* (Medinaceli, Soria, ou arredores). CNH 289:1–2.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 476) ao omitir dois factos indiscutíveis: 1. Fomos nós que, pela primeira vez, transliterámos correctamente a presente legenda monetária, outrora conhecida por **oCalaCom** (Faria, 2003b, pp. 224–225); 2. Fomos nós que, pela primeira vez, identificámos **Ocela* com *Hocilis/Ocilis*, formação toponímica que, como muitas outras, surge corrompida no relato de Apiano (*Hisp.* 47, 48) (Faria, 2003b, pp. 224–225).

onigibasn[. Cista de calcário. Pech Maho (Sigeac, Aude). MLH II B.7.1.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 154) ao estatuir para **onigibasn[** (Faria, 2004b, p. 181) a transliteração **+nis+n**. Provavelmente, na sequência em questão, haverá que isolar o NP ibérico **Onigibas*.

orCeCelauí. Pilar de arenito. La Vispesa (Tamarite de La Litera, Huesca). MLH III 2 D.12.1.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 186) ao estatuir **orCe-Celauí** como a única segmentação aceitável para o NP em análise, esquecendo-se de **orCe-iCe-lauí** (Faria, 1991a, pp. 189–190, 1994, p. 65, 1999a, p. 155, 2000a, p. 140, 2004a, p. 288, 2012, p. 91) e de **orCe-Ce-lauí** (Faria, 1994, p. 65, 2004a, p. 289, 2012, p. 91).

oreTaunin. Estela de calcário. Bicorp (Valência). MLH III 2 F.13.1; Silgo, 2000a, *passim*.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 237) ao estatuir para **oreTaunin** (Valladolid, 1998, pp. 252–254; Faria, 2002a, p. 127, 2005a, p. 168, 2007a, p. 172, 2007b, pp. 224–225, 2013, p. 195) a transliteração **+reTaunin**.

PaCaśCeTar. Marca de *dolium*. Can Feu (Sant Quirze del Vallès, Barcelona). Panosa, 2001, pp. 524–526.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 638) ao estatuir para **PaCaśCeTar** (Faria, 2002a, p. 123, 2009 [2010], p. 169, 2010 [2011], p. 92) a transliteração **PaCaśuTar**. Efectivamente, as fotos ao nosso dispor demonstram que <, o quarto signo deste NP, está, no plano formal, bastante mais próximo de < (<Ce>) do que de ↑ (<u>).

Já nos foi dado observar (Faria, 2002a, p. 123) que o componente inicial deste NP ibérico, além de figurar em **bacásctei** (Correa, 1992, p. 276), constitui a base do NL *Bac(c)asi(s)* < **bacás*, testemunhado em Ptolemeu (Geog. 2.6.71) e na epigrafia ampuritana (CIL II 4625; IRC III 50) (Tovar, 1989, p. 445; TIR, K/J-31, p. 39). Lamentavelmente, Curchin (2011, p. 310) tentou fazer-se passar por autor quer destas comparações, quer da consequente individualização de *bacás* (male: *basas*) como elemento onomástico ibérico.

PerśTan. Estela de calcário. El Salobral (Albacete). MLH III 2 G.17.1.

Trata-se, do nosso ponto de vista, da transliteração do NP ibérico *Berśtan* segmentável em *Berś-tan* (Faria, 1990–1991, pp. 76, 84, 1994, pp. 67, 70, 2001a, p. 99, 2002a, p. 125, 2004a, p. 304, 2007b, p. 211).

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 241) ao descurar esta nossa interpretação, lendo erradamente **PerśTan** como **berstan** e como **barstan** (Simón, 2013, p. 241), com a agravante de esta última transliteração nos ter sido imputada.

PiCiriTins. Lâmina de chumbo. La Punta de Orley (Vall de Uxó, Castellón de la Plana). MLH III 2 F.9.2.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 179) ao estatuir para **PiCiriTins** (Faria, 1990–1991, pp. 77, 84, 1991a, p. 193, 1998b, p. 235, 2000a, pp. 129–130, 2005a, p. 167, 2011 [2012], p. 160) a transliteração **PiCiriTiPaś**.

PoroTenPo. Marca sobre almofariz de cerâmica comum. Cabeço de Alcalá de Azaila (Teruel). MLH III 2 E.1.287.

Não obstante a numerosa bibliografia produzida a propósito da marca de oleiro bilingue de Azaila, a primazia de Solà (1968, p. 236) no estabelecimento da equivalência entre **PoroTenPo** e **PROTEMVS** não tem sido adequadamente reconhecida, até porque a única referência que se reporta a tal descobrimento (Oroz, 1976, p. 187, n. 5) não está completa.

É, pois, notória a negligência exibida por Simón (2013, p. 654) ao atribuir a Silgo (2008, p. 654) a autoria da correspondência entre **PoroTenPo** e **PROTEMVS**.

Não podemos deixar de expor as nossas reservas relativamente à identificação de um signo antes de **PoroTenPo** (v., no mesmo sentido,

Orduña, 2009, p. 508, n. 26). Em todo o caso, a tratar-se de l (<Pa>), a única explicação que nos ocorre para a presença do dito grafema consiste em entendê-lo como abreviatura do *praenomen* latino *Marcus*.

rucabedi. Marcas sobre *dolia*. *Ruscino* (Château-Roussillon, Perpinhão). MLH II B.8.20; Ferrer, 2008 [2009], pp. 88–90.

Há alguns anos (Faria, 2009 [2010], p. 166), alvitávamos duas hipóteses de restituição para o presente NP de origem céltica, **Ruc(c)amedis* ou **Ruc(c)amedios*, ambas silenciadas por Simón (2013, p. 637). Não havendo, todavia, quaisquer indícios da atestação de **rucabedi* em ibero, somente a primeira das restituições é admissível. Tanto quanto sabemos, o único *comparandum* para *medi-* ocorre no NP **DOCIMEDIS** (Delamarre, 2007, pp. 220, 226). Contudo, a existência de **VENDIBEDIS** (Delamarre, 2007, p. 194) deixa naturalmente entrever a hipótese, alternativa a **Ruc(c)amedis*, de estarmos perante a iberização do NP céltico **Ruc(c)abedis*, figurando *bedi-* como segundo membro do composto.

Σεδεγων. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigeon, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

Não vislumbramos nenhuma razão objectiva passível de sustentar, descurando a evidente distinção entre as consoantes dentais intervocálicas, a equivalência, preconizada por Ferrer (2013c, p. 142), entre **sede** e **seti**, segmento constante dos NNP **beriseti**, **Ybarseti** e **setibios** (Faria, 2005a, p. 284). Além de ocorrer em **Σεδεγων**, **sede** figura no gentílico **sedei-scen** (gen. pl.) = **SEDETANI** (Beltrán Martínez, 1989, p. 19; Faria, 1994, p. 70, 2001a, p. 103, 2002a, p. 134, 2003a, p. 327, 2004a, pp. 289–290, 2004b, p. 185). Nem sequer é de aceitar a passagem de **seti** a **sede**, porquanto as atestações de **Σεδεγων** e **sedeiscen** devem ser anteriores aos NNP que documentam **seti** (Faria, 2005b, p. 284).

Lamentavelmente, Ferrer (2013c, pp. 139–140) atribui de maneira ilegítima a Rodríguez e a Untermann a autoria da identificação de determinados segmentos onomásticos ibéricos em NNL, em claro prejuízo do signatário, que os precedeu em vários anos. Assim, não podemos deixar de considerar abusiva a atribuição a Rodríguez (Ferrer, 2013c, p. 139) da precedência na individualização do formante

sede em **sedei-scen** (gen. pl.) = SEDETANI e em Σεδεγων (Faria, 1994, p. 70, 2001a, p. 103, 2003a, p. 327). Tão-pouco é aceitável que Ferrer (2013c, p. 140) outorgue a Untermann a identificação de *ildir* em **ilTiCira**, uma transliteração nossa que o sábio alemão jamais se mostrou disposto a secundar. E os exemplos de atribuições ilegítimas por parte de Ferrer podiam multiplicar-se. Entre os casos mais gritantes, salientamos os dos>NNL ibéricos terminados em *tigi* (Untermann, 1995, p. 742; Faria, 2003b, p. 211), que Rodríguez (2005, p. 61, 2007 [2008], p. 105) considera serem “tar-téssicos” e “turdetanos”. No que toca a *Saltigi*, NL pertencente a esta mesma série, Untermann (1995, p. 742, 1998a, p. 81), agora secundado por Silgo (2013, p. 240), segmenta-o em **saldu-tigi*, omitindo Ferrer (2013c, p. 140) a hipótese, que se nos afigura bem mais verosímil, de a análise do NL em apreço se limitar a *sal-tigi* (Faria, 2000a, p. 138, 2003b, p. 226, 2009 [2010], p. 168; Silgo, 2000b, p. 290). O único *comparandum* inequívoco para o provável formante inicial continua a ser o que figura em idêntica posição no NP **salager** (Faria, 1994, p. 70, 1995a, p. 328, 1998b, p. 235, 2003b, p. 226, 2004a, p. 289, 2007a, p. 177).

A nosso ver, as segmentações que Ballester (2013, pp. 36–37) alvitra para três dos>NNL que, segundo ele, ostentam *-ci* como sufixo são absolutamente inaceitáveis, porquanto tais>NNL — *Artigi*, **Cantigi* e *Saltigi* — exibem *tigi* como segundo membro (Untermann, 1995, p. 742; Faria, 2003b, p. 211, 2007b, p. 217, 2008a [2009a], p. 81). Ainda ao arripio do que estima Ballester (2013, p. 37), tão-pouco há que individualizar *-ci* em *lilturgi* ou em *lsturgi* (Faria, 2003a, p. 313, 2007b, p. 217, 2008a [2009a], pp. 75, 86).

selgeśařef. Vaso cerâmico. Tosal de San Miguel de Liria (Liria, Valência). Ferrer & Escrivà, 2013, p. 467.

Ferrer & Escrivà segmentam o NP ibérico em questão como **selge-śař-ef**. Não obstante ser esta a segmentação mais provável, não pode ser descartada a hipótese de **selg(i)-eśař-ef** consistir na análise adequada. Em abono de uma individualização do segmento *eśař* podemos aduzir **aTareśař** (Untermann, 1998b, p. 14) e, eventualmente, **culeśař**, caso seja esta a transliteração acertada deste presumível NP (Faria, 2002a, p. 127, 2007b, p. 222).

Seja qual for a segmentação correcta, não é lícito invocar como *comparandum* para o primeiro componente o NP SERGETON (Ferrer & Escrivà, 2013, p. 467), já que se trata de um erro de leitura, por SERGIETON (Faria, 2003b, p. 216, 2005b, p. 277, 2011 [2012], p. 166). Não deixa de ser curioso assinalar que o formante ibérico *selgi*, com grande probabilidade adaptado do celta **selgā* (Matasović, 2009, p. 329), tenha sido transmitido por Untermann (*MLH* III 1, p. 230) e por Rodríguez (2002, p. 213) — os únicos autores citados por Ferrer & Escrivà (2013, p. 467) — como *selki* e *selci*, respectivamente.

śaiTaPi. Moedas. **śaiTaPi**/*Saetabi* (Xátiva, Valência). *CNH* 314:1, 2, 11.

Como corolário de tudo o que, nos últimos anos, fomos escrevendo a respeito deste NL (Faria, 2007a, pp. 178–179, 2008a [2009a], p. 86, 2013, pp. 199–200), admitimos agora que **śaiTaPi** configura um composto *tatpuruša* formado por **śaidi* ‘abutres’ *vel sim.* < **śai* ‘abutre’ *vel sim.* + sufixo abundancial/colectivo *-di* (Michelena, 1977², pp. 107–108; Villasante, 1974, p. 66; Orpustan, 1999, pp. 265–266) e por *(*h*)*abi* ‘ninho’. A segmentação que acima advogamos já havia sido aventada tanto por Luján (2007, p. 61) como por De Hoz Bravo (2011, p. 255) a par de outras, sem que qualquer destes autores se atrevesse a suportá-la em qualquer tipo de análise etimológica, comparativa ou de outra natureza.

Resulta obviamente desta nossa exegese que o nome derivado **śaidi* precedeu o dito composto, apesar de o mesmo só se documentar nas moedas (como **śaiTi**) várias décadas depois de **śaiTaPi** (Faria, 2006, p. 125, 2013, p. 200). Por conseguinte, contrariando a nossa posição prévia sobre o assunto, cumpre-nos, nesta ocasião, dar inteiro crédito a Correa (2004 [2005], p. 18) quando sustentou ser **śaiTi** um NL alternativo a **śaiTaPi** (*contra*, Correa, 1999, p. 377, n. 7; Faria, 2006, p. 125), e a Curchin (2009, p. 72), ao advogar a anterioridade linguística daquela formação toponímica relativamente a esta última (*contra*, Faria, 2013, p. 200).

Em alternativa à interpretação etimológica acima apresentada, em detrimento de *-di*, talvez haja que individualizar em **śaiTi** o sufixo de locativo *-ti* (Michelena, 1997⁵, p. 152, n.º 556; Trask, 1997, pp. 336, 337, 341, 342), que parece ocorrer no zootopónimo basco *Erbiti*

(Belasko, 1999², p. 182; Salaberri, 2005, p. 113), enquanto **śaiTaPi**, em vez de constituir o resultado da combinação entre *śaidi e *(h)abi, poderá segmentar-se como *śai-t-abi (Morvan *apud* Faria, 2008a [2009a], pp. 85–86), um composto que, de resto, manteria o mesmo conteúdo semântico: ‘ninho de abutres’ *uel sim*. Neste último caso, ficaria (novamente) em causa a teoria de Curchin defensora da precedência de *śaidi/*śaiti em relação a Śaitabi.

Por tudo o que aqui se afirma, não estamos em condições de avaliar a segmentação **śai-Ta-Pi**, resultante da abordagem etimológica ensaiada por Silgo (2008, p. 174, 2013, p. 265) e aparentemente secundada por Curchin (2009, p. 72) e Ballester (2013, p. 36). Como vimos noutra ocasião (Faria, 2013, p. 202), está completamente fora de causa a decomposição de **śaiTaPi** em **śaiTa-Pi** (Luján, 2007, pp. 61 e 86, n. 19; De Hoz Bravo, 2011, p. 255).

śiCara. Moedas. Śigara/*Sigarra (Prats del Rey, Anoia, Barcelona). Ferrer & alii, 2012, pp. 38–39. Curchin (2011, p. 315) não se encontra de maneira alguma em condições de avocar a prioridade na identificação do NL Śigara/*Sigarra nas raras moedas de prata que ostentam a legenda ibérica tratada no presente verbete (Guerrero, 1993, *passim*; Faria, 1997, p. 110). A análise comparativa que expusemos pormenorizadamente noutra ocasião (Faria, 2013, pp. 201–202) leva-nos a encarar com fortes reservas a filiação, alvitada por Curchin (2011, p. 316), do NL *Sigarra* na hidronímia indo-europeia.

TarTiCeleś. Ânfora. Local indeterminado (proximidades de Lloret de Mar, Girona). Vilà, 1996, p. 296.

A decomposição deste NP em **TarTi-Celeś** encontra-se suportada por diversos *comparanda* (Faria, 1997, p. 110, 1999a, p. 159, 2002a, pp. 123, 125, 2004a, p. 300, 2007b, p. 227, 2008a [2009a], pp. 59, 63–64, 2010 [2011], p. 99, 2013, p. 202), ocorrendo igualmente o primeiro segmento em TARTIGAR (Beltrán Lloris, 1980, p. 103, n.º 88) (Silgo, 1988, p. 762, 1994, p. 129; Faria, 1999a, p. 159, 2000a, pp. 139–140, 2003a, p. 328, 2004a, p. 300, 2007b, p. 213, 2008a [2009a], pp. 58–59).

Importa ainda não excluir a hipótese de o NP **isPeTarTiCeř** (F.11.3) se segmentar em **isPe-TarTi-Ceř** (Faria, 2008a [2009a], p. 75). Convirá recordar que, ao invés do que Ferrer &

Garcés (2013, p. 109) quiseram dar a entender, nem Siles (1985, p. 249, n.º 1063) nem De Hoz Bravo (2001, p. 351) segmentaram **isPeTarTiCeř** em **is-PeTar-TiCeř** (Faria, 2008a [2009a], pp. 66, 75). Inclusive, noutra sede, Siles (1986, pp. 37–42) optou por individualizar *Isbetar* como NP completo.

Difícilmente se compreende, pois, que Ferrer & Garcés (2013, p. 108) declarem que “els testimonis de **tařti** sense nasal final són conflictius”.

TiCiřilTir. Placa de calcário. *Ilici* (La Alcedia, Elche). *MLH* III 2 G.12.1.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 240) ao estatuir para **aTiCiřilTirTa** a transliteração **aTi+řil++rTa**. Como é óbvio, na presente sequência há que isolar o NP *Tigiřildir* (Faria, 1994, p. 68, 2002b, p. 240).

TiCiřseni. Estela de calcário (Sagunto, Valência). *MLH* III 2 F.11.10.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 218) ao estatuir **TiCiřs-(s)eni** como a única segmentação possível para *Tigiřseni*, descurando **TiCiř-seni** (Silgo, 1988, p. 765; Faria, 2002b, p. 240), análise caucionada pela ocorrência de **TiCiřilTir** em G.12.1.

usTainaPar. Peso de calcário. Puig Castellar (Santa Coloma de Gramenet, Barcelona). *MLH* III 2 C.8.2.

Estamos perante o NP *Ustainabar*, segmentável em *ustai-nabar* (Untermann, 1985, p. 438, n. 19; Silgo, 1994, pp. 205, 254; Faria, 2003a, p. 329, 2004a, p. 301, 2004b, p. 180, 2010 [2011], p. 100), não havendo nenhum motivo susceptível de nos induzir a acreditar que se trata de um lexema alheio ao âmbito antropónimo (*contra*, Untermann, 2002, pp. 105 e 106, n. 27; Ferrer, 2009, pp. 453, n. 3, 462, n. 37, 463, 2003d, pp. 143–144; Simón, 2013, pp. 34–35, 172–173, que separam arbitrariamente **usTain** de **aPar**). A análise do NP em apreço é caucionada pela ocorrência, em documento datado do ano 1000, do orónimo *Uřtaiřuarbe/Uřtayřuarbe* (Michelena, 1964, p. 45; Arzamendi, 1985, p. 470), segmentável em *Uřtai-řuar-be* (Michelena, 1964, p. 45). *nabar* ocorre igualmente como segundo membro em **CirinaPar** (F.13.1) (Faria, 2004b, p. 180, 2007b, p. 224, 2008a [2009a], p. 71, 2010 [2011], p. 100) e, presumivelmente, em **saCarna[Par?]** (F.9.2) (Faria, 1991a, p. 190,

1994, p. 66, 2004a, p. 309, 2004b, p. 180, 2010 [2011], p. 100).

YITunsof. Marca sobre *dolia*. Ca l'Estrada (Canovelles, Barcelona). Ferrer, 2013a, *passim*. Há que louvar Ferrer pela correcta leitura do NP que compõe a estampilha em questão, mas cremos que este autor poderia ter ido mais longe na análise do NP aqui lematizado.

Em primeiro lugar, Ferrer não dedicou uma só linha à possibilidade — admissível à luz do exame paleográfico — de **YIdunsof** constituir a transliteração adequada. Tenha, ou não, sido aplicado o sistema de escrita dual no texto em apreço, não foi sequer a florada a hipótese de **YITun** consistir numa variante do conhecido elemento onomástico *ildun*, determinando Ferrer (2013a, p. 165) que tal sequência gráfica corresponderia noutros documentos a *naltun*, um segmento antropónimo de muito duvidosa atestação.

Na discussão de **YITun**, tão-pouco encontramos a invocação de possíveis paralelos tais como **aPulTuñ** (D.3.1) (Faria, 1992–1993, p. 278, 1994, pp. 66, 68, 2000b, p. 62, 2011 [2012], p. 148), **alaPulTun** (Broncano, 1989, p. 96) (Faria, 1990–1991, p. 82, 1992–1993, p. 278, 2000b, p. 62, 2004a, p. 302, 2012, p. 89) e **selCiYilTun** (F.21.1).

Ao investigar o valor fonémico de <Y>, Ferrer fez igualmente tábua rasa da existência do componente onomástico que subjaz às seguintes ortografias: **ureś/Yireś/Yreś/Yureś** (Faria, 2004b, p. 183). Repare-se no paralelismo entre a variante **Yireś** e **YilTun**, que pode isolar-se no citado **selCiYilTun** (F.21.1). A oscilação gráfica observada na sílaba inicial legítima de algum modo a aproximação entre **YITun**, **YilTun** e *ildun*, havendo também outro tipo de documentação que deixa entrever a existência de **uldun* como forma assimilada de *ildun* (Pérez Orozco, 2005, pp. 194–195). Igualmente a respeito do mesmo segmento, não teria sido despropositada a invocação como possíveis paralelos dos NNP **VLOHOSSII** (gen.) / **VLOHOXIS** (gen.) / **VLOHOXO** (dat.) (Gorrochategui, 1984a, pp. 285–286, n.º 375–377) e **VLVCIRRIIS** (gen.) (Gorrochategui 1984a, p. 286, n.º 378). No que concerne ao segundo membro do composto **YITunsof**, faltou a Ferrer (2013a, p. 163) fornecer a totalidade dos *comparanda* para o mesmo (Faria, 2007b, pp. 213–214) e desfazer as confusões que os investigadores por ele citados criaram na individualização do dito

segmento monossilábico, ao amalgamarem-no com outros que, por uma questão de prudência, deverão ser considerados parónimos (Faria, 2007b, pp. 213–214). Infelizmente, em vez de desfazer as confusões criadas por Untermann e Rodríguez, Ferrer decidiu alimentá-las, induzindo os seus leitores em erro. Tomemos como exemplo o NP **ibeśof** (B.1.25), cujo segundo componente se repete em **YITunsof**. Os dois iberistas citados por Ferrer (2013a, p. 163) falharam clamorosamente na identificação dos segmentos presentes no referido NP. Assim, enquanto Untermann (*MLH* III 1, pp. 222, 231) segmentou **ibeśof** simultaneamente em **ibeś-(ś)of** e em **ibe(s)-(ś)of**, Rodríguez (2002 [2003], pp. 261, 268) decompôs o supramencionado NP como **ibeś-sof**. A busca de um mínimo de rigor obrigaria Ferrer a concluir que a segmentação correcta de **ibeśof** não pode ser senão **ibe-śof** (Faria, 1995a, pp. 326–327, 2002a, p. 132, 2007b, p. 213).

]Cu ePan[en?]. Bloco de calcário. Sagunto (Valência). Velaza, 2000, *passim*.

Em alternativa à sugestão formulada por Velaza (2000, p. 132), que se limitou a aduzir *lacu* como provável formante final, encarámos a eventualidade de interpretar o segmento *-cu* como sufixo antropónimo, abonado quer em **belencu** quer em **neselTuCu** (Faria, 2000b, p. 63). Volvidos poucos anos (Faria, 2003b, p. 219), aventámos a hipótese de estarmos perante a fórmula NP + NL-cu + *eban[en?]*, fazendo corresponder a sequência sufixada ao mesmo paradigma observado em **Ces[e]-Cu**, **useCerTe-Cu** e em **Pelse-Cu-Yi** (Faria, 2002b, p. 234, 2004b, pp. 177–178). É evidente que, neste caso, a tradução alvitrada por Velaza para o vocábulo ibérico *eban* ('*filius*') passaria a fazer menos sentido, ganhando em contrapartida maior pertinência a interpretação deste termo como forma verbal ('*coeravit*'/'*curavit*') (Untermann, *MLH* III 1, p. 194, 1999, *passim*; Pérez Orozco, 1993b, pp. 64–66; Rodríguez, 2001, *passim*).

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 227) ao descurar as nossas tentativas de explicar **]Cu**.

[-]inTaneś. Estela de arenito. Santa Perpètua de Mogoda (Barcelona). *MLH* III 2 C.10.1.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 169) no tratamento do elemento onomástico ibérico *taneś* (Untermann, 1984, p. 118,

1987, p. 307) — ausente do repertório antroponímico publicado nos *MLH* III 1 —, que deve ser subsegmentado em *tan+eś* (Silgo, 1994, p. 126: *dan+eś*; Faria, 1995a, p. 324, 1997, p. 110, 2001a, p. 96, 2004a, p. 287, 2004b, p. 184, 2007b, p. 216, 2010 [2011], p. 101), nada tendo, pois, que ver com o pretense formante **neś*, em má hora imaginado por Untermann (*MLH* III 1, p. 229).

Também Ferrer & Garcés (2013, p. 110) evidenciaram não pouca negligência ao tratarem de *taneś*, chegando a afirmar que o formante em questão era lido “quasi sempre com a **boneś** abans del 2005”. Trata-se de uma asserção destituída de qualquer veracidade, atendendo ao número de títulos recolhidos no parágrafo anterior, demonstrativos da tese contrária.

[**Cu**]inTi Tan[---]. Placa de calcário. Ampurias (La Escala, Gerona). *MLH* III 2 C.1.1.

Estamos com certeza ante a adaptação ibérica do *nomen Quintius*, ao qual corresponde um *cognomen* iniciado por *Tan[...]* ou por *Tam[...]* (Faria, 1997, p. 111, 2000a, pp. 136–137, 2004b, p. 184).

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 157) ao omitir esta nossa interpretação.

]isePele[ś]. Pedestal de calcário cinzento. Montaña Frontera/Sagunto (Valência). *MLH* III 2 F.11.7.

Segundo Simón (2012, p. 256), não é possível fixar sem margem para dúvidas a efectiva proveniência do pedestal em causa, conquanto sejam fortes os indícios de que a peça seja oriunda do santuário de Montaña Frontera.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 232) ao estatuir para]isePele[ś] a transliteração [.]i+ePele+++ , descurando, por outro lado, [u]isePele[ś] como possível restituição do NP em apreço, a par de [Pa]isePele[ś] (*MLH* III 2, p. 410) e de [su]isePele[ś] (Rodríguez, 2002 [2003], p. 268) — esta, atenta a *ordinatio* observada pelo lapicida, bem menos plausível do que as duas primeiras.

A restituição do componente inicial, que aqui propomos, encontra-se avalizada por *uisebaítas* (G.13.1) (Michelena, 1979, p. 31; Faria, 1994, p. 68, 2000a, p. 140, 2002b, p. 241) e por *VISERADIN* (*MLH* III 1, p. 236). Não nos custa tão-pouco aceitar que *Vessetania*, nome de uma *regio* mencionada por Plínio (*nat.* 3. 24) (Sancho, 1981, pp. 41, n. 74, 55), derive igualmente do elemento onomástico **uise(r)* (Faria, 2002b, p. 241).

[i]ITurCa. Estela de calcário. Camí del Molí (Terrateig, La Vall d'Albaida). Fletcher & Gisbert, 1994, p. 7.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 237) ao identificar em **ilTurCa** um alegado formante onomástico *ildur*, esquecendo-se de que a epigrafia ibérica apenas atesta *ildur* (Faria, 1995a, p. 327, 2000a, p. 134). Efectivamente, já de há muito que vimos defendendo que a ocorrência de *ildur* na legenda monetária **ilTurir** é apenas ilusória (Faria, 1991b, p. 17, 1995b, p. 82, 1997, p. 110, 2000a, pp. 133–134, 2003b, p. 222, 2006, pp. 120–124). Até prova em contrário, **ilTurir** mais não é do que uma abreviatura *per compendium* de **ilTu(Pe)rur** < **Ildu(n/r)berir*.

Deste modo, [i]ITu-(u)rCa configura, a nosso ver, a única segmentação admissível para [i]ITurCa (Faria, 1995a, p. 327, 2011 [2012], p. 170).

]rCe Cornelī [---] [au?]iTe. Placa de calcário. Ampurias (La Escala, Gerona). *MLH* III 2 C.1.1.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, pp. 69, 157) ao atribuir a Velaza (2003 [2004], p. 183) a autoria da restituição do *praenomen* de *Cornelius* (*Auitus?*) como **marke** < *Marcus* (Faria, 1993c, pp. 155–156, 1997, p. 111, 2000a, pp. 136–137, 2003b, p. 223). É triste verificar que Simón mimetiza a decisão há pouco tempo tomada quer por Beltrán Lloris (2011b, p. 36, n. 95) quer por Mayer (2012, p. 127) no mesmo sentido, tendo semelhante conduta merecido da nossa parte (Faria, 2011 [2012], p. 164, 2013, p. 205) a admoestação que lhe era devida. Entretanto, como se nada fosse, o professor Javier Velaza — que curiosamente pertenceu ao júri da tese de doutoramento de Ignacio Simón Cornago — continua a furta-se a uma retractação pública acerca desta questão (Faria, 2011 [2012], p. 164).

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, pp. 69, 157) ao transliterar o *nomen* em causa como **Cornel+** quando **Cornelī** constitui, afinal, a única leitura aceitável (Gómez-Moreno, 1943, p. 265, 1949, pp. 286–287; Siles, 1981, p. 105; Faria, 1993c, pp. 155–156, 1997, p. 111, 2000a, pp. 136–137, 2004b, p. 184, 2010 [2011], p. 94; Quintanilla, 1998, p. 201). Mesmo deixando de lado os argumentos de ordem paleográfica esgrimidos noutra sede (Faria, 1993c, p. 155), se alguma coerência houver — e cremos que há (Faria, 1993c, pp. 155–156, 2000a, p. 137) — na iberização

de nomes pessoais latinos, cedo chegaremos à conclusão de que **[[Y?]Pa?]****rCe** e **Cornele** são mutuamente exclusivos.

]**rdobes**. Fragmento de vaso de cerâmica grega. Puig de Sant Andreu (Ullastret, Girona). *MLH* III 2 C.2.40.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 554) ao estatuir para **]****rdobes** (Faria, 1995a, p. 328, 2000a, p. 126, 2010 [2011], p. 101) a transliteração **]****rdobaś**.

]**rTaPiř**. Placa de xisto. Ampurias (La Escala, Gerona). Aquilué & Velaza, 2001 [2002], p. 282; *HEp* 11, 264.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 161) ao adoptar acriticamente a transliteração **certabif** para este presumível NP, propugnada por Aquilué & Velaza (2001 [2002], p. 282). Efectivamente, tendo em conta os vestígios da haste vertical e da extremidade direita pertencentes ao signo que precede <r> (Aquilué & Velaza, 2001 [2002], p. 280, Fig. 2), apenas são aceitáveis duas leituras para este lexema: **]****urTaPiř** ou **]****arTaPiř** (Faria, 2002b, p. 238, 2004a, p. 308, 2004b, p. 184, 2007b, p. 225, Faria, 2007b, p. 225).

[-]**śTaneś**. Estela de arenito. Santa Perpètua de Mogoda (Barcelona). *MLH* III 2 C.10.1.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 169) no tratamento do elemento onomástico ibérico *taneś* (Untermann, 1984, p. 118, 1987, p. 307) — ausente do repertório antropónimo publicado nos *MLH* III 1 —, que deve ser subsegmentado em *tan+eś* (Silgo, 1994, p. 126: *dan+eś*; Faria, 1995a, p. 324, 1997, p. 110, 2001a, p. 96, 2004a, p. 287, 2004b, p. 184, 2007b, p. 216, 2010 [2011], p. 101), nada tendo, pois, que ver com o suposto formante **neś*, em má hora imaginado por Untermann (*MLH* III 1, p. 229).

Também Ferrer & Garcés (2013, p. 110) evidenciaram não pouca negligência ao tratarem de *taneś*, chegando a afirmar que o formante em questão era lido “quasi sempre com a **boneś** abans del 2005”. Trata-se de uma asserção

destituída de qualquer veracidade, atendendo ao número de títulos recolhidos no parágrafo anterior, demonstrativos da tese contrária.

A negligência que detectámos em Simón (2013, p. 169) reflecte-se na restituição do presente NP tão-somente como **[Pa]śTaneś** (Faria, 2002a, p. 129) ou como **[u]śTaneś** — esta última totalmente inaceitável, em virtude de assentar numa segmentação em **[u]śTan-eś** —, descurando outras alternativas, tais como **[Ce]śTaneś** (Faria, 2002a, p. 129), **[Ci]śTaneś** (Faria, 2002a, p. 129) ou **[Pe]śTaneś** (Faria, 2001a, p. 96, 2002a, p. 129).

Simón (2013, p. 169) mostra-se igualmente desconhecedor da função de *-e*, posposto a **[-]****śTaneś**, como sufixo de dativo (Michelena, 1954/1985, p. 421; Gorrochategui, 1984a, pp. 326, 373, 1984b, pp. 263–264; Untermann, 1984, pp. 113, 114; Silgo, 1992, pp. 772–773, 1994, p. 151; Pérez Orozco, 1993a, p. 222; Faria, 1992–1993, p. 278, 1993c, pp. 157–158, 1994, p. 68, 1997, p. 106, 1999a, pp. 154, 155, 2000a, pp. 122–123, 2002a, pp. 121–122, 131, 2003b, p. 215, 2004a, p. 302, 2006, p. 117, 2012, p. 102; Trask, 1997, p. 402; Tolosa, 2000, p. 144).

]**urPoCon**. Pedestal de Pedra. Montaña Frontera (Sagunto, Valência). *MLH* III 2 F.11.30.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 228) ao estatuir **[Pi]ur** como única hipótese de restituição do primeiro membro deste composto antropónimo, podendo o mesmo corresponder alternativamente a **[a]ur**, segmento constante de diversos NNP, alguns dos quais coligidos por Untermann (*MLH* III 1, p. 213).

A ocorrência dos NNP **]****urPoCon** e de **ilTuPoCon** (F.11.28) num mesmo espaço físico, trate-se ou não de um santuário, fragiliza decisivamente a interpretação deste último lexema como ND (Silgo, 1986, *passim*).

Vale a pena recordar, já que Simón (2013, p. 228) se esqueceu de o fazer, que Rodríguez (2002) [2003], p. 264) arrolou **ilTuPoCon** entre os NNP possuidores do formante *kon*.

Bibliografía citada

ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (2013) - Cuestiones epigráficas del conventus Carthaginiensis (Hispania Citerior), con algunas contribuciones póstumas de Géza Alföldy. In LÓPEZ VILAR, Jordi, ed. - *Actes Ter Congrès Internacional d'Arqueologia i Món Antic: govern i societat a la Hispània romana: novetats epigràfiques. Homenatge a Géza Alföldy, Tarragona 29-30 de Novembre i 1 de Desembre de 2012*. Tarragona: Fundació Privada Mútua Catalana, pp. 13-34.

ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes [1985-1986] (1987) - Las aspiradas en las lenguas paleohispánicas: la F y la H. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 2-3, pp. 155-194.

ANDERSON, James M. (1993) - Iberian and Basque linguistic similarities. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 487-498.

AQUILUÉ ABADÍAS, Xavier; VELAZA FRÍAS, Javier (2001) [2002] - Nueva inscripción ibérica ampuritana. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, pp. 277-289.

ARASA I GIL, Ferran (2001) - *La romanització a les comarques septentrionals del litoral valencià: poblament ibèric i importacions itàliques en els segles II-I aC*. Valencia: Diputació Provincial.

ARTIGUES I CONESA, Pere Lluís; CODINA I REINA, Dolores; MONCUNILL MARTÍ, Noemí; VELAZA FRÍAS, Javier (2007) [2008] - Un colgante ibérico hallado en Can Gambús. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 7, pp. 239-250.

ARZAMENDI SÁEZ DE IBARRA, Jesús (1985) - *Términos vascos en documentos medievales de los ss. XI-XVI*. Bilbao: Universidad del País Vasco.

BÄHR, Gerhard (1948) - Baskisch und Iberisch IV. Das Iberische. *Eusko-Jakintza*. Bayonne. 2:4-5, pp. 381-455.

BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2001) [2002] - La adfinitas de las lenguas aquitana e ibérica. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, pp. 21-33.

BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2010) - *Vrbiaca* ¿una ibérica 'confluencia'? *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 10, pp. 137-168.

BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2013) - Escolios a un topónimo prerromano implícito. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 13, pp. 33-47.

BELASKO ORTEGA, Mikel (1999²) - *Diccionario etimológico de los nombres de los pueblos, villas y ciudades de Navarra: apellidos navarros*. 2.ª ed. (1996¹). Pamplona: Pamiela.

BELTRÁN LLORIS, Francisco (1980) - *Epigrafía latina de Saguntum y su territorium*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistórica.

BELTRÁN LLORIS, Francisco (2011a) - ¿Firmas de artesano o sedes de asociaciones comerciales? A propósito de los epígrafes musivos de Caminreal (E.7.1), Andelo (K.28.1) y El Burgo de Ebro (*HEp* 11, 2001, 621 = *AE* 2001, 1237). In LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón; GARCÍA ALONSO, Juan Luis, eds. - *A Greek man in the Iberian street: papers in linguistics and epigraphy in honour of Javier de Hoz*. Innsbruck: Institut für Sprachen und Literaturen der Universität Innsbruck, pp. 139-147.

BELTRÁN LLORIS, Francisco (2011b) - Lengua e identidad en la Hispania romana. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 11, pp. 19-59.

BELTRÁN LLORIS, Francisco (2012) [2013] - Plinio versus Ptolomeo. Geografía y etnicidad en la Hispania del Principado. In SANTOS YANGUAS, Juan; CRUZ ANDREOTTI, Gonzalo, eds. - *Romanización, fronteras y etnias en la Roma antigua: el caso hispano*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 481-498.

BELTRÁN LLORIS, Francisco; DÍAZ ARIÑO, Borja (2005) - Nueva estela procedente de Libia (La Rioja). *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 78, pp. 275-278.

BELTRÁN MARTÍNEZ, Antonio (1989) - El problema histórico de las acuñaciones de los celtíberos. El caso de las emisiones de Turiasu. *Turiaso*. Tarazona. 8, pp. 15-28.

BONET ROSADO, Helena; MATA PARREÑO, Consuelo (1989) - Nuevos grafitos e inscripciones ibéricas valencianos. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 19, pp. 131-148.

BOSCH GIMPERA, Pedro (1932) - *Etnología de la Península Ibérica*. Barcelona: Editorial Alpha.

- BOSCH GIMPERA, Pedro (1944) - *La formación de los pueblos de España*. México: Imprenta Universitaria.
- BRONCANO RODRÍGUEZ, Santiago (1989) - *El depósito votivo ibérico de El Amarejo, Bonete (Albacete)*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- CAMPMAJO, Pierre; UNTERMANN, Jürgen (1993) - Les influences ibériques dans la Haute Montagne catalane: le cas de la Cerdagne. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25–28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 499–520.
- CANÓS I VILLENA, Isabel (2002) - *L'epigrafia grega a Catalunya*. Debrecen: Debreceni Tudomány Egyetem Bölcsészettudományi Kar.
- CAPALVO LIESA, Álvaro (1996) - *Celtiberia: un estudio de fuentes literarias antiguas*. Zaragoza: Institución «Fernando el Católico».
- CASANOVA HERRERO, Emili (2011) - Comunidad Valenciana. In GARCÍA ARIAS, Xosé Lluis; CASANOVA HERRERO, Emili, eds. - *Toponimia hispánica: origen y evolución de nuestros topónimos más importantes*. Paiporta (València): Denes, pp. 257–291.
- CIL I² = LOMMATZSCH, Ernst, ed. (1918) - *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Latinae antiquissimae. Pars II, fasc. I*. Berlin: Georg Reimer.
- CNH = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COMAS SOLÁ, Monserrat; PADRÓS MARTÍ, Pepita; VELAZA FRÍAS, Javier (2001) [2002] - Dos nuevas estelas ibéricas de Badalona. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, pp. 291–299.
- COROMINES I VIGNEAUX, Joan (1997) - *Onomasticon Cataloniae: els noms de lloc i noms de persona de totes les terres de llengua catalana, II: A–BE*. Barcelona: Curial Edicions Catalanes; Caixa d'Estalvis i Pensions de Barcelona “La Caixa”.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1992) - Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *ALQ*. Napoli. 14, pp. 253–291.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1994) - La lengua ibérica. *Revista Española de Lingüística*. Madrid. 24:2, pp. 263–287.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1999) - Las nasales en ibérico. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; BELTRÁN LLORIS, Francisco, eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, pp. 375–396.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2004) [2005] - Leyenda monetar y toponimia. In CHAVES TRISTÁN, Francisca; GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco José, eds. - *Moneta qua scripta: la moneda como soporte de escritura: actas del III Encuentro Peninsular de Numismática Antigua Osuna (Sevilla) febrero-marzo 2003*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Sevilla: Universidad; Fundación El Monte, pp. 15–23.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2009) - Identidad, cultura y territorio en la Andalucía prerromana a través de la lengua y la epigrafía. In WULFF ALONSO, Fernando; ÁLVAREZ MARTI-AGUILAR, Manuel, eds. - *Identidades, culturas y territorios en la Andalucía prerromana*. Sevilla: Universidad; Málaga: Universidad, pp. 273–295.
- CORZO SÁNCHEZ, Ramón (1975) - La segunda guerra púnica en la Bética. *Habis*. Sevilla. 7, pp. 213–240.
- CURA I MORERA, Miquel (1993) - Nous graffits ibèrics en el Molí d'Espigol (Tornabous) i la cronologia de l'escriptura ibèrica a l'interior de Catalunya. *Gala*. Sant Feliu de Codines. 2, pp. 219–225.
- CURCHIN, Leonard (2009) - Toponimia antigua de Contestania e Edetania. *Lucentum*. Alicante. 28, pp. 69–74.
- CURCHIN, Leonard (2011) - Naming the provincial landscape: settlement and toponymy in ancient Catalunya. *Hispania Antiqua*. Valladolid. 35, pp. 301–320.
- DCCP–N = FALILEYEV, Alexander; GOHIL, Ashwin E.; WARD, Naomi (2010) - *Dictionary of Continental Celtic place-names: a Celtic companion to the Barrington atlas of the Greek and Roman World*. Aberystwyth: CMCS Publications.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2002) [2003] - Centro y áreas laterales: la formación del celtibérico sobre el fondo del celta peninsular hispano. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, pp. 89–132.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2008) - Linguistically Celtic ethnonyms: towards a classification. In GARCÍA ALONSO, Juan Luis, ed. - *Celtic and other languages in ancient Europe*. Salamanca: Universidad, pp. 101–118.

- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2010) - Die Geminaten des Festlandkeltischen. In BACHMANN, Dieter; STÜBER, Karin; ZEHNDER, Thomas, eds. - *Akten des 5. Deutschsprachigen Keltologensymposiums. Zürich, 7.–9. September 2009*. Wien: Praesens, pp. 65–87.
- DELAMARRE, Xavier (2007) - *Nomina celtica antiqua selecta inscriptionum: (noms de personnes celtiques dans l'épigraphie classique)*. Paris: Errance.
- DELAMARRE, Xavier (2012) - *Noms de lieux celtiques de l'Europe ancienne (–500 / +500)*. Arles: Errance.
- DLG = DELAMARRE, Xavier (2003²) - *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental. 2^e édition revue et augmentée. (2001¹)*. Paris: Errance.
- DÍAZ ARIÑO, Borja; MÍNGUEZ MORALES, José Antonio (2009) - Un nuevo grafito ibérico procedente del yacimiento de La Cabañeta (El Burgo de Ebro, Zaragoza). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 435–450.
- EDCS = *Epigraphik-Datenbank Claus/Slaby* < http://db.edcs.eu/epigr/epi_de.php >.
- EVANS, David Ellis (1967) - *Gaulish personal names: a study of some Continental Celtic formations*. Oxford: Clarendon.
- FARIA, António Marques de (1987) - Moedas de chumbo, da época romana, cunhadas no actual território português. A propósito do *Catálogo de Plomos Monetiformes de la Hispania Antigua*. *Numismática*. Lisboa. 47, pp. 24–28.
- FARIA, António Marques de (1988) - Algumas considerações a propósito do “Álbum de la antigua colección Sánchez de la Cotera de moneda ibero-romana (Madrid, 1986)”. *Numismática*. Lisboa. 48, pp. 7–9.
- FARIA, António Marques de (1990–1991) - Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11–12, pp. 73–88.
- FARIA, António Marques de (1991a) - [Recensão de] UNTERMANN, J. - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. Coimbra. 30, pp. 187–197.
- FARIA, António Marques de (1991b) - Epígrafa monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, pp. 13–22.
- FARIA, António Marques de (1992a) - [Recensão de] VELAZA, Javier - *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976–1989*. Barcelona, 1991, 204 p. *Conimbriga*. Coimbra. 31, pp. 191–195.
- FARIA, António Marques de (1992b) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, pp. 39–48.
- FARIA, António Marques de (1992–1993) - Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 13–14, pp. 277–279.
- FARIA, António Marques de (1993a) - [Recensão de] MARÍN DÍAZ, M. A. (1988) - *Emigración, colonización y municipalización en la Hispania republicana*. Granada: Universidad, 1988, 260 p. *Vipasca*. Aljustrel. 2, pp. 131–136.
- FARIA, António Marques de (1993b) - [Recensão de] BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. (1992) - *Roman Provincial Coinage, I: From the Death of Caesar to the Death of Vitellius (44 BC–AD 69)*. London-Paris: British Museum Press - Bibliothèque Nationale. *Vipasca*. Aljustrel. 2, pp. 140–146.
- FARIA, António Marques de (1993c) - A propósito do V Coloquio sobre Línguas e Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. Lisboa. 12, pp. 145–161.
- FARIA, António Marques de (1994) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, pp. 65–71.
- FARIA, António Marques de (1995a) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 16, pp. 323–330.
- FARIA, António Marques de (1995b) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, pp. 79–88.
- FARIA, António Marques de (1995c) - Plínio-o-Velho e os estatutos das cidades privilegiadas hispano-romanas localizadas no actual território português. *Vipasca*. Aljustrel. 4, pp. 89–99.
- FARIA, António Marques de (1996) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correcções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, pp. 149–187.
- FARIA, António Marques de (1997) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, pp. 105–114.
- FARIA, António Marques de (1998a) - [Recensão de] SILGO GAUCHE, Luis - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 1994. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, pp. 228–234.

- FARIA, António Marques de (1998b) - [Recensão de] QUINTANILLA NIÑO, Alberto - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 232–240.
- FARIA, António Marques de (1998c) - [Recensão de] ALFARO, C.; ARÉVALO, A.; CAMPO, M.; CHAVES, F.; DOMÍNGUEZ, A.; RIPOLLÈS, P. P. (1998) - *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 241–256.
- FARIA, António Marques de (1998d) - [Recensão de] RICHARDSON, John S. - *The Romans in Spain*. Oxford: Blackwell, 1998. VII + 341 p. (A History of Spain; 2), ISBN 0.631-17706-X. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 257–259.
- FARIA, António Marques de (1999a) - Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, pp. 153–161.
- FARIA, António Marques de (1999b) - [Recensão de] *La moneda en temps d'August. Curs d'Historia Monetaria d'Hispania. (13 i 14 de novembre de 1997)*. Barcelona: Gabinet Numismàtic de Catalunya del Museu Nacional d'Art de Catalunya; *La moneda en la societat iberica. II Curs d'Historia monetaria d'Hispania. (26 i 27 de novembre de 1998)*. Barcelona: Gabinet Numismàtic de Catalunya del Museu Nacional d'Art de Catalunya. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, pp. 273–281.
- FARIA, António Marques de (2000a) - Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, pp. 121–151.
- FARIA, António Marques de (2000b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, pp. 61–66.
- FARIA, António Marques de (2001a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, pp. 95–107.
- FARIA, António Marques de (2001b) - [Recensão de] RIPOLLÈS ALEGRE, P. P.; ABASCAL PALAZÓN, J. M. - *Monedas hispánicas: catálogo del Gabinete de Antigüedades*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2000. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, pp. 213–216.
- FARIA, António Marques de (2002a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, pp. 121–146.
- FARIA, António Marques de (2002b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, pp. 233–244.
- FARIA, António Marques de (2003a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 313–334.
- FARIA, António Marques de (2003b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, pp. 211–234.
- FARIA, António Marques de (2004a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 273–315.
- FARIA, António Marques de (2004b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, pp. 175–192.
- FARIA, António Marques de (2005a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 163–175.
- FARIA, António Marques de (2005b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 273–292.
- FARIA, António Marques de (2005c) - [Recensão de] RIPOLLÈS, Pere Pau - *Monedas hispánicas de la Bibliothèque Nationale de France*. Madrid: Real Academia de la Historia; Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2005 (Bibliotheca Numismatica Hispana; 1). 334 p. ISBN 84-95983-52-4. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 630–635.
- FARIA, António Marques de (2006) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, pp. 115–129.
- FARIA, António Marques de (2007a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (13). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:2, pp. 161–187.
- FARIA, António Marques de (2007b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, pp. 209–238.

- FARIA, António Marques de (2008a) [2009a] - Crònica de onomàstica paleo-hispànica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, pp. 57–102.
- FARIA, António Marques de (2008b) [2009b] - Crònica de onomàstica paleo-hispànica (15). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, pp. 145–158.
- FARIA, António Marques de (2008c) [2009c] - DÍAZ ARIÑO, Borja - *Epigrafía latina republicana de Hispania (ELRH)*. Barcelona: Universitat (Col·lecció Instrumenta; 26), 2008. ISBN 978-84-475-3277-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, pp. 298–303.
- FARIA, António Marques de (2009) [2010] - Crònica de onomàstica paleo-hispànica (16). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 157–175.
- FARIA, António Marques de (2010) [2011] - Crònica de onomàstica paleo-hispànica (17). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 13:1, pp. 89–106.
- FARIA, António Marques de (2011) [2012] - Crònica de onomàstica paleo-hispànica (18). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 14, pp. 147–186.
- FARIA, António Marques de (2012) - Crònica de onomàstica paleo-hispànica (19). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 15, pp. 87–112.
- FARIA, António Marques de (2013) - Crònica de onomàstica paleo-hispànica (20). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16, pp. 187–213.
- FERNÁNDEZ-GUERRA Y ORBE, Aureliano (1879) - *Deitania y su catedral episcopal de Begastri*. Madrid: Imprenta de Fortanet.
- FERRER I JANÉ, Joan (2005) [2006] - Novetats sobre el sistema dual de diferenciació gràfica de les oclusives sordes i sonores. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, pp. 957–982.
- FERRER I JANÉ, Joan (2008) [2009] - Ibèric **tagiar**: terrissaires que signen les seves produccions: **biurko**, **ibeitigei**, **biurbedi** i companyia. *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*. Barcelona. 6, pp. 81–93.
- FERRER I JANÉ, Joan (2009) - El sistema de numerals ibèric: avances en su conocimiento. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 451–479.
- FERRER I JANÉ, Joan (2012) - La lengua de las leyendas monetales ibéricas. In GARCÍA SINER, Alejandro, ed. - *La moneda de los iberos: Iluro y los talleres layetanos*. Premià de Mar: Ajuntament, Museu Municipal de l'Estampació, pp. 28–43.
- FERRER I JANÉ, Joan (2013a) - **mtunfor**: un nou model de segell ibèric procedent de Ca l'Estrada. *Saguntum*. Valencia. 45, pp. 161–169.
- FERRER I JANÉ, Joan (2013b) - Nova lectura dels ploms ibèrics de La Balaguera (La Pobla de Tornesa, Castelló): un nou text explícitament dual. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. Castelló de la Plana. 31, pp. 149–157.
- FERRER I JANÉ, Joan (2013c) - Los problemas de la hipótesis de la lengua ibérica como lengua vehicular. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 13, pp. 115–158.
- FERRER I JANÉ, Joan (2013d) - A propòsit d'un pes de pedra ibèric del Puig de la Misericòrdia (Vinaròs) de 41 gr amb la marca metrològica 'o'. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. Castelló de la Plana. 31, pp. 137–147.
- FERRER I JANÉ, Joan; ESCRIVÀ TORRES, Vicent (2013) - Quatre noves inscripcions ibèriques pintades procedents de Lliria. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 13, pp. 461–482.
- FERRER I JANÉ, Joan; GARCÉS ESTALLO, Ignasi (2013) - El plom ibèric escrit del Tossal del Mor (Tàrrrega, Urgell). *Urtx*. Tàrrrega. 27, pp. 102–113.
- FLETCHER VALLS, Domingo; BONET ROSADO, Helena (1991–1992) - Bastida VI. Nuevo plomo escrito de la Bastida de les Alcuses (Mogente, Valencia). *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. 7–8, pp. 143–150.
- FLETCHER VALLS, Domingo; GISBERT I SANTONJA, Josep Antoni (1994) - Hallazgo de una inscripción ibérica en el Camí del Molí (Terrateig, La Vall d'Albai). *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 21, pp. 343–353.
- GARCÍA ALONSO, Juan Luis (2005) [2006] - Indoeuropeos en el Noroeste. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, pp. 235–257.
- GARCÍA ALONSO, Juan Luis (2006) [2007] - Vettonos y Layetanos. La etnonimia antigua de Hispania. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 6, pp. 59–116.

- GARCÍA ALONSO, Juan Luis (2007) - La Geografía de Ptolomeo y el corpus toponímico y etnonímico de Hispania. In CRUZ ANDREOTTI, Gonzalo; LE ROUX, Patrick; MORET, Pierre, eds. - *La invención de una geografía de la Península Ibérica, II. La época imperial*. Málaga: Diputación; Madrid: Casa de Velázquez, pp. 173–193.
- GARCIA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz (1990) - *El tesoro de Mogente y su entorno monetario*. València: Conselleria de Cultura, Educació i Ciència.
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz (2001) [2002] - Plomos monetiformes con el topónimo ibérico de Gador. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, pp. 335–340.
- GENERA I MONELLS, Margarida (2005) [2006] - Grafitos ibéricos sobre cerámica: darreres troballes a l'Ebre. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, pp. 995–1012.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1943) - La escritura ibérica. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. Madrid. 122:2, pp. 251–278.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1949) - *Misceláneas. Historia–arte–arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Rafael; AMANTE SÁNCHEZ, Manuel (2001) - *Deitannia*. In *TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J–30: Valencia. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Corduba, Hispalis, Carthago Nova, Astigi*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Fomento -Ministerio de Ciencia y Tecnología-Ministerio de Educación y Cultura, 2000 [2002], p. 168.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1984a) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1984b) - Acerca de *Helasse*, teónimo indígena atestiguado en Miñano Mayor (Álava). *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 1, pp. 261–265.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1993) - La onomástica aquitana y su relación con la ibérica. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25–28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 609–634.
- GOZALBES CRAVIOTO, Enrique; GONZÁLEZ BALLESTEROS, Iván (2008) - Elementos para una cartografía de los Bastetanos. In *1^{er} Congreso Internacional de Arqueología Ibérica Bastetana. Comunicaciones*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, pp. 283–291.
- GUERRERO URIARTE, Antonio (1993) - Una ceca inédita. *El Eco Filatélico y Numismático*. Pamplona. 1001, pp. 43–44. *HEp* = *Hispania Epigraphica*. Madrid.
- HOYOS, Dexter (2001) - Generals and annalists: geographic and chronological obscurities in the Scipio's campaigns in Spain, 218–211 B.C. *Klio*. Berlin. 83:1, pp. 68–92.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1992) - La inscripción de la falcata. In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación Provincial, pp. 330–338.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1995) - Áreas lingüísticas y lenguas vehiculares en el extremo Mediterráneo occidental. In LANDI, Addolorata, ed. - *L'Italia e il Mediterraneo antico. Atti del Convegno della Società Italiana di Glottologia (Fisciano-Amalfi-Raito, 4–5–6 novembre 1993)*. Pisa: Giardini, pp. 11–44.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2001) - Hacia una tipología del ibérico. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 335–362.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2011) - *Historia lingüística de la Península Ibérica, II. El mundo ibérico prerromano y la indoeuropeización*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DE HOZ GARCÍA-BELLIDO, María Paz; DÍAZ ARIÑO, Borja; RIBERA LACOMBA, Albert - Grafitos sobre cerámica procedentes de los niveles romanorrepublicanos de Valentia (Valencia, España). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 13, pp. 407–429.
- HÜBNER, Emil (1862) - Epigraphische Reiseberichte aus Spanien und Portugal. *Monatsberichte der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin aus dem Jahre 1861*. Berlin, pp. 16–113.
- HÜBNER, Emil (1901) - Deitania. In WISSOWA, Georg, ed. - *Paulys Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft. Band IV, 2: Corniscae bis Demodoros*. Stuttgart: Alfred Druckenmüller, col. 2409.
- IRIGOYEN ECHEVARRIA, Alfonso (1987) - Cuestiones de toponimia vasca circumpirenaica. In CIERBIDE MAR-

- TINENA, Ricardo, ed. - *Pirenaico navarro-aragonés, gascón y euskera: V Cursos de Verano en San Sebastián*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 71–156.
- JACOB, Pierre (1986) - À propos des toponymes *Callet, Ceret, Osset*. *Emerita*. Madrid. 54, pp. 275–280.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2003) [2004] - En torno a la identificación de la ceca IKALE(N)SKEN (MLH A.95). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 3, pp. 129–135.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2005) [2006] - Los topónimos en las inscripciones ibéricas. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, pp. 471–489.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2007) - Problemas de morfología nominal ibérica: sufijos y pautas de composición asociados a topónimos. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, pp. 49–88.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2013) - La situación lingüística de la Meseta sur en la Antigüedad. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 13, pp. 103–136.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1954/1985) - De onomástica aquitana. *Pirineos*. Jaca. 10, pp. 409–455 [= *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, pp. 409–445].
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1955/1985) - Cuestiones relacionadas con la escritura ibérica. *Emerita*. Madrid. 33, pp. 265–284 [= *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, pp. 357–370].
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1957/1995) - Las antiguas consonantes vascas. In CATALÁN MENÉNDEZ PIDAL, Diego, ed. - *Miscelánea de homenaje a André Martinet*. La Laguna: Universidad, 1, pp. 113–157. [The ancient Basque consonants. In HUALDE, José Ignacio; LAKARRA ANDRINUA, Joseba Andoni; TRASK, Robert Lawrence, eds. - *Towards a history of the Basque language*. Amsterdam-Philadelphia: Johns Benjamins, pp. 101–135].
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1964) - *Textos arcaicos vascos*. Madrid: Minotauro.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1974) - El elemento latino-románico en la lengua vasca. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 6, pp. 183–209.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1977²) - *Fonética histórica vasca*. 2.^a ed. (1961¹) San Sebastián: Diputación Foral de Guipúzcoa.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1979) - La langue ibère. In TOVAR LLORENTE, Antonio; FAUST, Manfred; FISCHER, Franz; KOCH, Michael, eds. - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17–19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, pp. 23–39.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1997⁵) - *Apellidos vascos*. 5.^a ed. (1953¹). San Sebastián: Txertoa.
- MLH II = UNTERMANN, Jürgen (1980) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: die Inschriften in iberischer Schrift aus Südfrankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, Jürgen (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, Jürgen (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, Jürgen (1997) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. [Unter Mitwirkung von Dagmar Wodtko]. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH V 1 = WODTKO, Dagmar (2000) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V 1. Wörterbuch der keltiberischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2007) - *Lèxic d'inscripcions ibèriques (1991–2006)*. *Tesi doctoral dirigida pel Prof. Dr. Javier Velaza Frías*. Barcelona: Universitat < http://tdx.cesca.cat/bitstream/handle/10803/1719/NMM_TESI.pdf?sequence=1 >.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí; MORELL I CORTÉS, Núria (2008) - Reexcavando en los museos: novedades epigráficas en soportes de plomo. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 8, pp. 243–255.
- MORET, Pierre (2004) - *Ethnos ou ethnè? Avatars anciens et modernes des noms de peuples ibères*. In CRUZ ANDREOTTI, Gonzalo; MORA SERRANO, Bartolomé, eds. (2004) - *Identidades étnicas – Identidades políticas en el mundo prerromano hispano*. Málaga: Universidad, pp. 33–62.
- NIETO BALLESTER, Emilio (1997) - *Breve diccionario de topónimos españoles*. Madrid: Alianza.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2006) - *Segmentación de textos ibéricos y distribución de los segmentos*. *Tesis doctoral inédita, dirigida por J. de Hoz y R. Pedrero*. Madrid: UNED (< <http://iespontdesuert.xtec.cat/tesis.pdf> >).

- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2009) - De nuevo sobre el sufijo ibérico -te. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 501–514.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2013) - Los numerales ibéricos y el vascoiberismo. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 13, pp. 517–529.
- OROZ ARIZCUREN, Francisco Javier (1971) - Toponimia menor de la Cuenca. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 9, pp. 311–323.
- OROZ ARIZCUREN, Francisco Javier (1976) - El ibérico, lengua en contacto. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 23, pp. 183–193.
- ORPUSTAN, Jean-Baptiste (1999) - *La langue basque au Moyen Age (IX^e–XV^e siècles)*. Baigorri: Izpegi.
- PANOSA DOMINGO, María Isabel (2001) - Novedades de epigrafía ibérica en Cataluña y algunos aspectos metodológicos. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 511–540.
- PANOSA DOMINGO, María Isabel (2005) [2006] - Nous documents ibèrics de l'àrea catalana. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, pp. 1049–1066.
- PÉREZ ALMOGUERA, Arturo (2000) - *Ciuitates y etnias epónimos [sic] en el área ibérica: las excepciones (Contestani, Lacetani, Cerretani)*. *Florentia Iliberritana*. Granada. 11, pp. 195–213.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (1993a) - Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 63, pp. 221–229.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (1993b) - Notas sobre onomástica ibérica. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 62, pp. 61–67.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2005) - Las consonantes laterales en las lenguas paleohispánicas. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 98, pp. 193–201.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2009) - Topónimos hispánicos en grafía púnica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 9, pp. 251–274.
- PÉREZ ROJAS, Manuel (1983) - La estela ibérica de Caspe: introducción a su estudio. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 56, pp. 269–285.
- PÉREZ VILATELA, Luciano (1992) - Ibérico “egiar” en un epígrafe de Caminreal (Teruel). In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación Provincial, pp. 351–360.
- PÉREZ VILATELA, Luciano (1993) - Primitiva zona geográfica de aplicación del corónimo «Iberia». *Faventia*. Barcelona. 15, pp. 29–44.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2002) - *Lenguas y religiones prerromanas del occidente de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2005) - Estudios sobre la fonética y la morfología de la lengua celtibérica. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca María - *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, pp. 153–364.
- QUINTANILLA NIÑO, Alberto (1998) - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2001) - El término (t)eban(en) en la lengua íbera: ‘coeravit’ vs. ‘filius’. *Arse*. Sagunto. 35, pp. 59–85.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002) - La hipótesis del vascoiberismo desde el punto de vista de la epigrafía íbera. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 90, pp. 197–217.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002) [2003] - Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua íbera. *Cypselas*. Girona. 14, pp. 251–275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2005) - Introducció a l'estudi de les inscripcions ibèriques. *Revista de la Fundació Privada Catalana per a l'Arqueologia Ibèrica*. Barcelona. 1, pp. 13–144.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2007) [2008] - Ética y epigrafía: respuesta a Marques de Faria y observaciones sobre los antropónimos paleohispánicos en inscripciones latinas. *Arse*. Sagunto. 41, pp. 75–114.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2008) - Comentaris epigràfics a les inscripcions d'Olèrdola. In MOLLIST CAPELLA, Núria, ed. - *La intervenció al sector 01 del conjunt històric d'Olèrdola. De la prehistòria a l'etapa romana (campanyes 1995–2006)*. Barcelona: Museu d'Arqueologia de Catalunya, pp. 581–588.

- RUBIO MARTÍNEZ, Juan Carlos (1997) - Una estela funeraria romana en San Andrés de Cameros, La Rioja: estudio preliminar. *Faventia*. Barcelona. 19:1, pp. 55–63.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2005) - Origen y significado de la toponimia de Navarra. In RAMÍREZ SÁDABA, José Luis, ed. - *La onomástica en Navarra y su relación con la de España: actas de las Primeras Jornadas de Onomástica (Pamplona, 2003)*. Pamplona: Universidad Pública de Navarra, pp. 91–127.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2008) - *Izen tipiak euskaraz*. Bilbao: Euskaltzaindia/Real Academia de la Lengua Vasca.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2011) - Sobre el sufijo occidental *-ika* y otras cuestiones de toponimia vasca. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 113, pp. 139–176.
- SANCHO ROCHER, Laura (1981) - *El convento jurídico caesaraugustano*. Zaragoza: Institución «Fernando El Católico».
- SANTIAGO ÁLVAREZ, Rosa-Araceli (1994) - Presencia ibérica en las inscripciones griegas recientemente recuperadas en Ampurias y en Pech Mahó. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 13:2, pp. 217–230.
- SCHUCHARDT, Hugo (1909) - Iberische Personennamen. *Revue Internationale des Etudes Basques*. Paris. 3:3, pp. 237–247.
- SILES RUIZ, Jaime (1981) - Iberismo y latinización: nombres latinos en epígrafes ibéricos. *Faventia*. Barcelona. 3:1, pp. 97–113.
- SILES RUIZ, Jaime (1985) - *Léxico de inscripciones ibéricas*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- SILES RUIZ, Jaime (1986) - Sobre la epigrafía ibérica. In *Reunión sobre epigrafía hispánica de época romano-republicana*. Zaragoza: Institución «Fernando el Católico», pp. 17–42.
- SILGO GAUCHE, Luis (1988) - La antroponimia ibérica de Sagunto (1). *Arse*. Sagunto. 23, pp. 757–767.
- SILGO GAUCHE, Luis (1992) - *Textos ibéricos valencianos (Contestania, Edetania, Ilercavonia)*. Tese policopiada. Valencia: Universidad.
- SILGO GAUCHE, Luis (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana.
- SILGO GAUCHE, Luis (2000a) - La procedencia de la lápida ibérica supuesta de Liria (F.13.1). *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 3, pp. 181–186.
- SILGO GAUCHE, Luis (2000b) - [Recensão de] A. QUINTANILLA NIÑO: «Estudios de Fonología Ibérica». *Veleia, Anejos Serie Minor* 11, Vitoria-Gasteiz 1998. 325 págs. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 3, pp. 279–293.
- SILGO GAUCHE, Luis (2001) - Grafitos ibéricos de El Palomar (Oliete, Teruel). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, pp. 347–352.
- SILGO GAUCHE, Luis (2008) - Lengua y escritura. In HERMOSILLA PLA, Jorge, ed. - *Historia de Xàtiva: síntesis*. València: Universitat, pp. 1–74 [texto inserido no capítulo intitulado *Historia de Xàtiva. Edad Antigua*, coordinado por Antonio Ledo Caballero, pp. 165–194.]
- SILGO GAUCHE, Luis (2012) [2013] - Acerca de la *regio Deitania*. *Arse*. Sagunto. 46, pp. 83–84.
- SILGO GAUCHE, Luis (2013) - *Estudio de toponimia ibérica: la toponimia de las fuentes clásicas, monedas e inscripciones*. Valencia: Vision Libros.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2012) - La epigrafía ibérica de Montaña Frontera (Sagunto). *Madrider Mitteilungen*. Wiesbaden. 53, pp. 239–261.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2013) - *Los soportes de la epigrafía paleohispánica: inscripciones sobre piedra, bronce y cerámica*. Zaragoza: Universidad; Sevilla: Universidad.
- TOLOSA LEAL, Antonio (2000) - Sobre formas verbales ibéricas en *-in*. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 3, pp. 143–147.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1951) - Léxico de las inscripciones ibéricas (celtibérico e ibérico). In *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, Tomo II. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 273–323.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1954) - Sobre el planteamiento del problema vasco-ibérico. *Archivum*. Oviedo. pp. 220–231.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1959) - *El euskera y sus parientes*. Madrid: Minotauro.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1961) - *The ancient languages of Spain and Portugal*. New York, NY: S. F. Vanni.

- TOVAR LLORENTE, Antonio (1989) - *Iberische Landeskunde, II. 3. Tarraconensis*. Baden-Baden: Valentin Koerner.
- TRASK, Robert Lawrence (1997) - *The history of Basque*. London; New York, NY: Routledge.
- UNTERMANN, Jürgen (1985) - Dos inscripciones ibéricas recién halladas, de Castell de Palamós (Gerona). In MELENA JIMÉNEZ, José Luis, ed. - *Symbolae Ludovico Mitxelena septuagenario oblatae. Pars prior*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 433–441.
- UNTERMANN, Jürgen (1987) - Repertorio antroponímico ibérico. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 17, pp. 289–317.
- UNTERMANN, Jürgen (1995) - Die vorrömischen Namen in Hispanien und Aquitanien. In EICHLER, Ernst; HILTY, Gerold; LÖFFLER, Heinrich; STEGER, Hugo; ZGUSTA, Ladislav, eds. - *Namenforschung. Ein internationales Handbuch zur Onomastik. 1. Teilband*. Berlin–New York: Walter de Gruyter, pp. 738–746.
- UNTERMANN, Jürgen (1996) - Onomástica. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; DE HOZ BRAVO, Javier; UNTERMANN, Jürgen, eds. - *El tercer bronce de Botorríta*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón, pp. 109–166.
- UNTERMANN, Jürgen (1998a) - La onomástica ibérica. *Iberia*. Logroño. 1, pp. 73–85.
- UNTERMANN, Jürgen (1998b) - Comentario sobre una lámina de plomo con inscripción ibérica de la colección D. Ricardo Marsal, Madrid. *Habis*. Sevilla. 29, pp. 7–21.
- UNTERMANN, Jürgen (1999) - Über den Umgang mit iberischen Bilinguen. In SCHINDLER, Wolfgang; UNTERMANN, Jürgen, eds. - *Grippe, Kamm und Eulenspiegel: Festschrift für Elmar Seebold zum 65. Geburtstag*. Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter, pp. 349–357.
- UNTERMANN, Jürgen (1999) [2000] - L'inscription sur pierre d'Ensérune, conservée dans le musée de Cruzy (Hérault). *Archéologie en Languedoc*. Lattes. 23, pp. 107–110.
- UNTERMANN, Jürgen (2002) - Lengua ibérica y leyendas monetales. In *Actas del X Congreso Nacional de Numismática (Albacete, del 28 al 31 de octubre de 1998)*. Madrid: Museo Casa de la Moneda, pp. 97–106.
- UNTERMANN, Jürgen (2002) [2003] - Dos nuevos textos ibéricos del sur de Francia. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, pp. 355–361.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2007) - Aspectos en torno a la escritura y la lengua ibérica en el sureste de la Meseta meridional. In CARRASCO SERRANO, Gregorio, ed. - *Los pueblos prerromanos en Castilla-La Mancha*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 271–284.
- VALLADOLID MOYA, Juana (1998) - La estela inscrita ibérica conocida como “lápida de Liria”: una nueva lectura. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 15, pp. 241–256.
- VALLEJO SÁNCHEZ, José (1947) - Plinio, N. H. III, 19. Sobre la muy dudosa *regio Deitania*. *Emerita*. Madrid. 15, pp. 201–206.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1991) - *Léxico de inscripciones ibéricas (1976–1989)*. Barcelona: Universitat.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2000) - Nueva hipótesis sobre la inscripción ibérica del teatro de Sagunto. *Saguntum*. Valencia. 32, pp. 131–134.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2003) [2004] - La epigrafía ibérica emporitana: bases para una reconsideración. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 3, pp. 179–192.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2007) - Aspectos en torno a la escritura y la lengua ibérica en el Sureste de la Meseta meridional. In CARRASCO SERRANO, Gregorio, ed. - *Los pueblos prerromanos en Castilla-La Mancha*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 271–284.
- VILÀ I BOTA, María del Vilar (1996) - Àmfora amb inscripció llatina i grafit ibèric. *Pyrenae*. Barcelona. 27, pp. 295–299.
- VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1998) - *Les dracmes ibèriques i llurs divisors*. Barcelona: Societat Catalana d'Estudis Numismàtics.
- VILLASANTE CORTABITARTE, Luis (1974) - *Palabras vascas compuestas y derivadas*. Oñate: Editorial Franciscana Aranzazu.
- ZEHNACKER, Hubert, ed. (1998) - *Pline l'Ancien, Histoire Naturelle. Livre III*. Paris: Les Belles Lettres.